

Fig. 16 — Segundo estágio (otação de terras melhorada) em plena decadência Colônia italiana, entre Antônio Prado e Flores da Cunha no planalto oriental do Rio Grande do Sul. Muitas capoeiras baixas. A paisagem cultural tem uma idade de cerca de 60 anos.

(Foto Walter A. Egler, 24-III-949)

Isto significa que o período de repouso em capoeira tem que ser encurtado, daí resultando que o solo deteriora mais rapidamente do que dantes. Então, pela primeira vez, os campos ficam sujeitos à

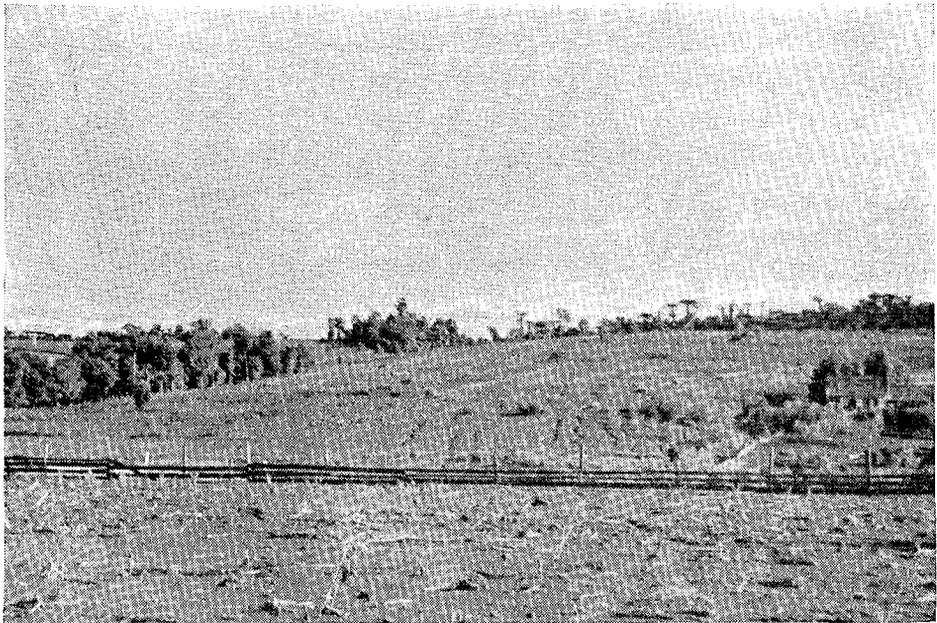


Fig. 17 — A mesma situação da figura anterior na colônia alemã de Selbach no planalto ocidental do Rio Grande do Sul. Em terras esgotadas observa-se a erosão do solo e a invasão do capim barba de bode (*Aristida* sp.). A paisagem cultural tem cerca de 40 anos.

(Foto Nilo Bernardes, 28-III-949)

erosão de solo, mesmo em terras pouco inclinadas, e gramíneas do campo natural (*Aristida sp.*) invadem a terra esgotada. Outros indícios de exaustão do solo são o aumento do cultivo da mandioca (a cultura menos esgotante, pelo menos no que diz respeito às condições de solo) e as plantações de eucaliptos.

A maioria das colônias do planalto do Rio Grande do Sul está nesta condição deplorável. A primeira geração de colonos que devastou as matas no decênio de 1890, e, que, depois de alguns anos de pioneirismo, estabeleceu o sistema de rotação de terras melhorada, tornou-se logo próspera e constitui boas propriedades. A segunda geração aplicou as mesmas práticas agrícolas, daí resultando que os seus padrões econômicos baixaram consideravelmente, e a terceira geração, ou teve que se mudar para outro lugar, ou se tornou cabocla. O número de caboclos europeus é surpreendentemente elevado, mesmo em colônias que há 25 anos eram consideradas como colônias-modélo.

Existe um estado de alarme em muitas colônias do planalto do Rio Grande do Sul, que causa considerável apreensão aos colonos



Fig 18 — Propriedade de um caboclo alemão no vale superior do rio Capivari, Santa Catarina. À esquerda a cabana primitiva do estágio pioneiro, que hoje serve de depósito; à direita a casa de enxame que foi construída durante o segundo estágio. Depois começou o esgotamento do solo e deu-se a estagnação cultural. 7-V-947

mais inteligentes. Eles compreendem que o sistema de rotação de terras está na base de suas queixas; que deveriam aplicar melhores técnicas agrícolas e um uso da terra estabilizado. O grande problema é: como mudar da agricultura nômade para a permanente, da rotação de terras para a rotação de culturas?

E' simples e fácil para um indivíduo ou grupo baixar os seus padrões culturais e econômicos, mas erguê-lo de novo é tarefa her-

cúlea, que requer energia, educação e dinheiro. Sem auxílio dos governos da união e dos estados, muitas colônias européias no sul do Brasil estarão perdidas dentro de poucas décadas.

3 — Rotação de culturas combinadas com a criação de gado

O estágio final do desenvolvimento agrícola no sul do Brasil é a aplicação da rotação de culturas em campos arados e adubados. Para arar a terra, o colono precisa de um arado e de um ou dois cavalos, que êle sempre possui para carga ou tração. Para conseguir

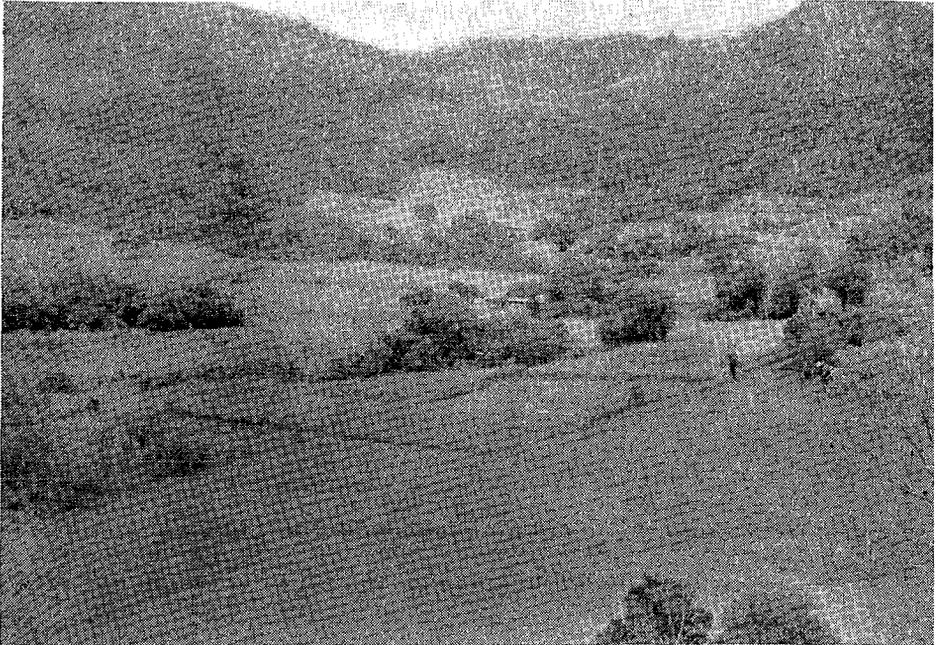


Fig 19 — Rotação de terras primitiva na encosta, rotação de culturas no fundo do vale em terras aradas e adubadas Vale do rio do Testo ao norte de Blumenau 25-IV-947

adubo suficiente para fertilizar sua terra ou grande parte dela, necessita, além disso, de 10 a 20 cabeças de gado, e tem que plantar forragens a fim de alimentá-las especialmente no inverno. Ademais, precisa de um estábulo sólido para guardar o gado durante a noite e também de um telheiro para proteger o estrume empilhado contra a chuva e o sol. Em outras palavras a adubação está num plano econômico muito mais elevado do que a lavra da terra e requer muito mais trabalho, capital e conhecimento.

Enquanto o sistema de rotação de terras está baseado na produção vegetal, no novo sistema tudo gravita em torno da criação do gado. Mas isto não implica que a produção vegetal diminua. Ao contrário. Além de todos os produtos cultivados nos estágios prévios

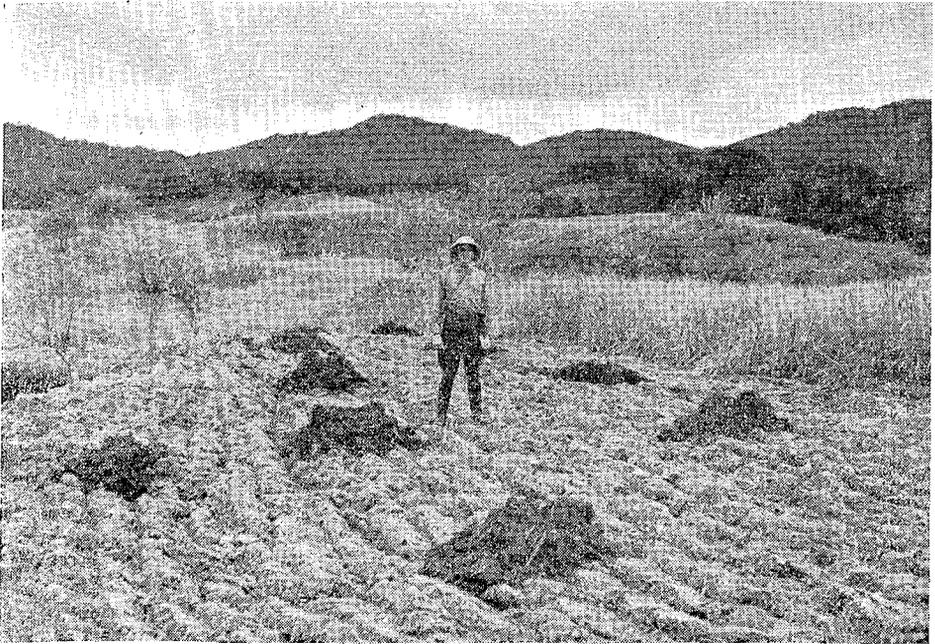


Fig 20 — *Campo de cultura arado com montes de estrume, em Rio do Testo (ex-Pommerode), ao norte de Blumenau 25-IV-947*

da agricultura, novas culturas entram então no quadro São plantas forrageiras, tais como alfafa, o feijão de porco, a aspérgula e mesmo verduras como o repólho e o nabo A maior parte delas são cultivadas no inverno e dadas verdes aos animais ou, em alguns casos raros, guardadas em silos. A grande variedade de culturas torna necessário

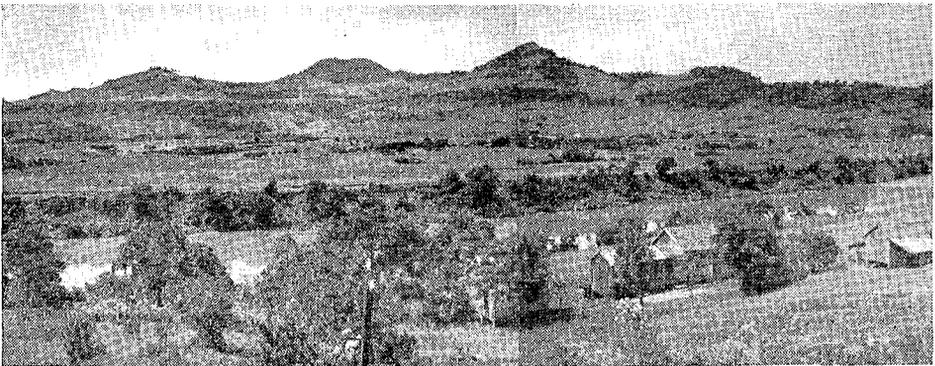


Fig 21 — *Rotação de culturas no vale do rio Taquari em Lajeado, Rio Grande do Sul Nas encostas rotação de terras melhorada*

(Foto Walter A Egler 26-III-949)

um certo sistema de rotação, que varia muito de uma propriedade para outra, e de uma região para outra A idéia básica é alternar culturas de cereais com culturas de raízes e plantas leguminosas com freqüência, a fim de enriquecer o solo com nitrogênio

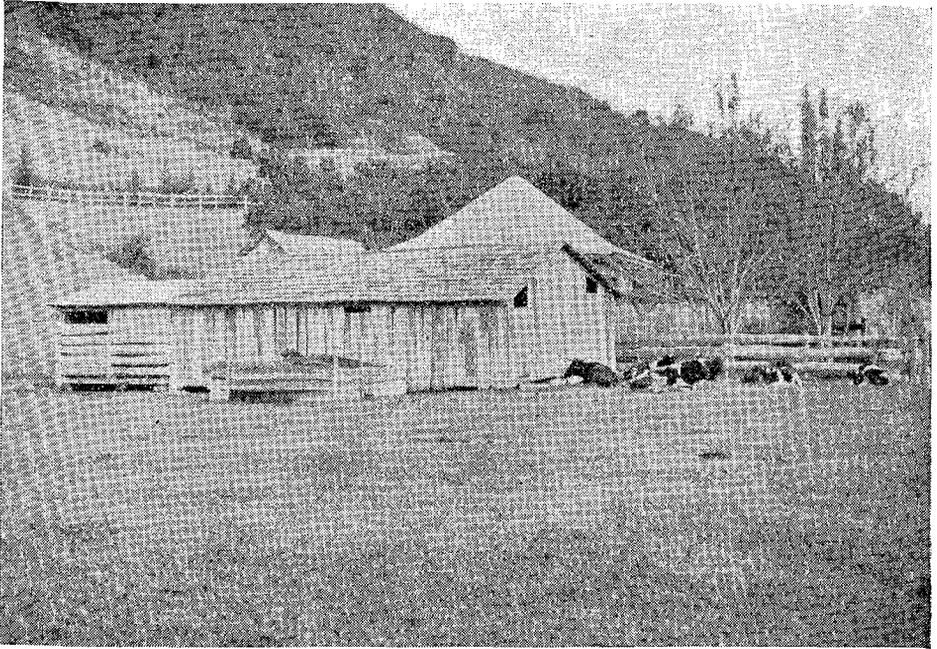


Fig 22 — Pasto artificial, vacas leiteiras e estábulo no vale do rio Krüuel Colônia Hansa, Santa Catarina 15-V-947

O gado que este tipo de colono cria é de raças européias, na maioria meio-sangue suíço, holstein ou holandês. Têm que ser cuidados durante a semana inteira, inclusive nos domingos e feriados. Essa grande aplicação de trabalho é considerada a razão pela qual os polacos geralmente não gostam do sistema. Os italianos, também, não têm muito entusiasmo por ele. Mas os alemães o preferem, e, principalmente por este fato, ganharam a merecida reputação de serem os melhores colonos. A produção agrícola enormemente aumentada ultrapassa a capacidade dos velhos moinhos administrados por famílias particulares individualmente. Foi, portanto, necessário ter fábricas consumindo carvão ou eletricidade, para processar a produção agrícola; e para construí-las é preciso capital, que só pode ser fornecido por cooperativas, capitalistas ou bancos.

Assim foram estabelecidas fábricas de creme, manteiga e queijo, moinhos de farinha (trigo e mandioca), de arroz, frigoríficos, etc. Os seus produtos são padronizados e uniformes e alcançam melhores preços do que os produtos processados pelos velhos e primitivos moinhos.

Somente um produto comercial de valor possibilita e anima um colono a investir com trabalho e capital necessário ao novo sistema. Nas vizinhanças de cidades como Curitiba, Joinville, Blumenau, Caxias do Sul, São Leopoldo e algumas cidades menores do Rio Grande do Sul, o sistema depende dos laticínios. Nas áreas mais remotas, depende de produtos agrícolas valiosos, tais como a alfafa (no

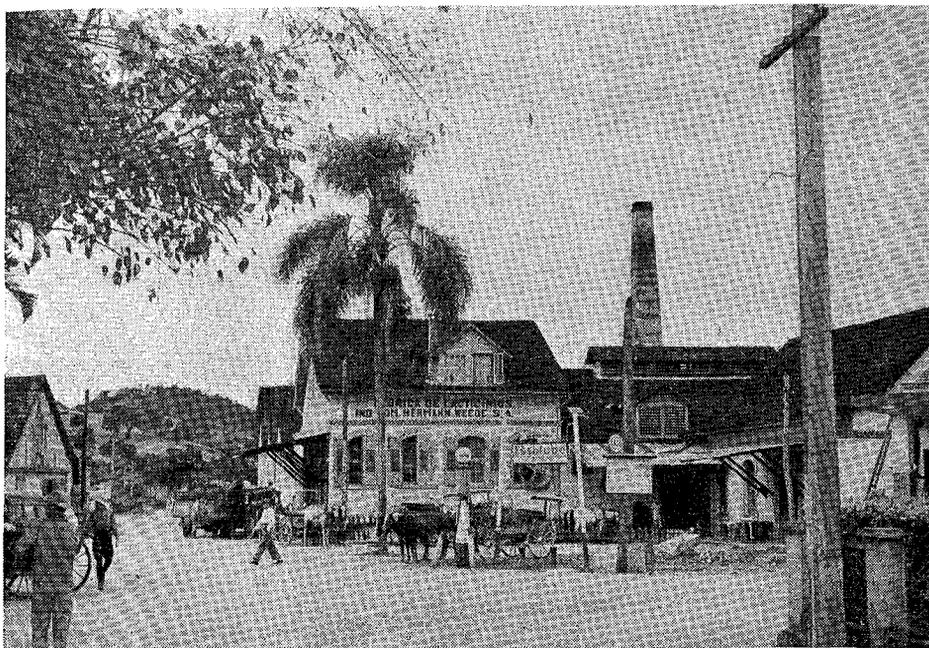


Fig 23 — Fábrica de laticínios em Rio do Testo (ex-Pommerode), Blumenau 25-IV-947

vale do Caí, no Rio Grande do Sul) ou o tabaco, mais para oeste, na colônia de Santa Cruz.

Em tôdas essas áreas, encontra-se uma população rural próspera e o mesmo tipo de paisagem cultural. A prosperidade dêsses colonos

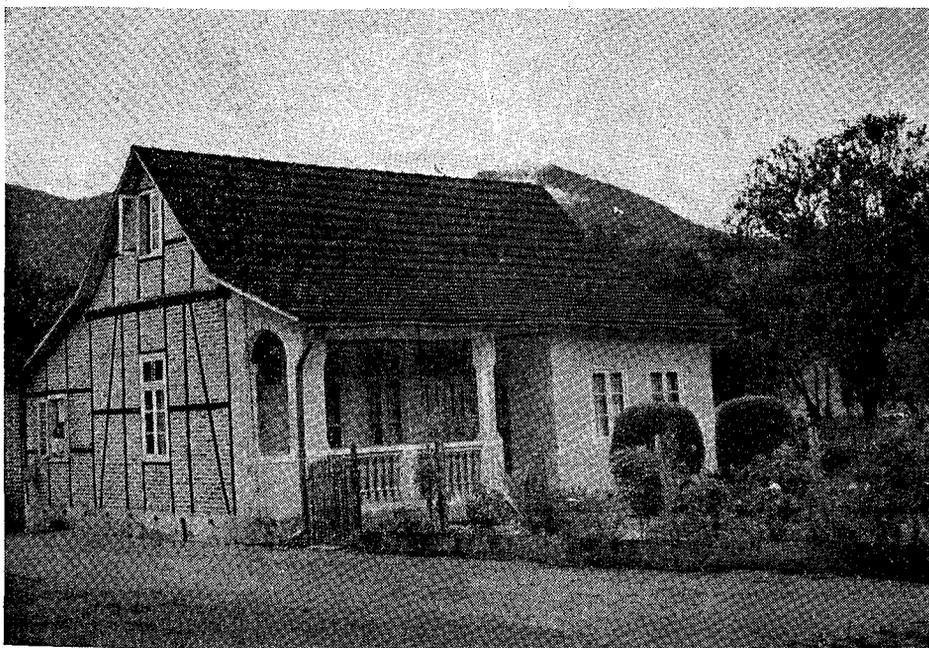


Fig 24 — Casa de enxame do segundo estágio, que foi ampliada e melhorada pela construção de uma dependência anexa e de uma varanda, quando o colono atingiu o terceiro estágio do desenvolvimento agrícola Aurora, ao sul de Jaraguá no litoral de Santa Catarina 25-IV-947.

é claramente refletida pelo tipo de casa. Êstes agricultores modernos aparentemente não gostam mais das velhas casas de estilo nacional que os seus pais construíram, quando no segundo estágio. Em vez destas, desenvolveu-se um novo tipo de casa, de caráter mais suburbano, feita completamente de tijolo ou pedra, com uma varanda em um ou dois lados, sustentada por arcos. Frequentemente as casas caiadas de branco por fora e, com suas cortinas brancas e seus canteiros de flores sombreados por palmeiras, compõem realmente um belo panorama.

Êstes prósperos colonos podem dar-se ao luxo de proporcionar a seus filhos uma educação elevada, e êles próprios se mantêm em contacto com o mundo, através da leitura de jornais, livros e revistas profissionais. Gostam do rádio e da vitrola, têm um padrão de vida que se aproxima do do lavrador médio dos Estados Unidos.

Chegamos agora a uma questão importante. Quantos colonos europeus do Brasil meridional atingiram êste estágio mais avançado de desenvolvimento agrícola, estágio que é tão comum na Europa e nos Estados Unidos?

Quantos empregam com êxito o sistema de rotação de terras melhorada, e quantos estão ainda no primeiro estágio ou ficaram detidos na fase de decadência e estagnação do segundo estágio?

Estas perguntas são naturalmente muito difíceis de responder. Por experiência pessoal, na maioria das áreas colonizadas e por meio de discussão com colonos inteligentes e experimentados sobre a situação econômica e cultural de muitas colônias, cheguei à conclusão seguinte: somente cerca de 5% de todos os colonos europeus do sul do Brasil alcançaram o terceiro estágio de desenvolvimento agrícola, 50% vivem no segundo estágio, em terras ainda não esgotadas, e 45% estão ou no primeiro ou na fase de decadência e estagnação do segundo. No que diz respeito à situação econômica, acho que uns 25% estão bem, 50% estão moderadamente prósperos e os outros 25%, em condição pobre e miserável.

Êstes números, mesmo que estejam exagerados, provam claramente que alguma coisa está errada na colonização européia do sul do Brasil. Na minha opinião, três fatos são principalmente responsáveis pela situação presente. Primeiro: Quase todos os colonos europeus que emigraram para o sul do Brasil eram pobres, e muito poucos eram agricultores treinados e experimentados. Não puderam resistir ao novo meio econômico e rapidamente adotaram os sistemas agrícolas dos nativos.

Segundo: Quando o governo imperial e mais tarde as províncias e estados planejaram estabelecer o sistema europeu de pequenas propriedades familiares no Brasil, a sua idéia principal era a de povoar áreas desabitadas. Deram pouca atenção à situação econômica dos colonos e a maior parte deles foram colocados em áreas remotas, muito longe de qualquer mercado urbano. Nestas circunstâncias, a agricul-

tura de subsistência e os sistemas agrícolas primitivos impuseram-se aos colonos, quer tenham êles querido, quer não.

Terceiro: Presumindo que os imigrantes europeus aplicariam o sistema extensivo de rotação de terras, tanto o governo como tôdas as companhias particulares de colonização deveriam ter repartido lotes muito maiores aos colonos. Aplicar um sistema agrícola extensivo em pequenas propriedades é uma contradição em si mesmo. Isto nos leva a considerar o tamanho das propriedades dos colonos da mata no sul do Brasil.

Tamanho das propriedades

Por todo o sul do Brasil, o tamanho médio da propriedade de um colono da mata é de 25 a 30 hectares. E' de surpreender como a maioria dos colonos e até agrônomos aceitam êste tamanho, sem sequer duvidar da sua justificação e sua conveniência. Na minha opinião, uma propriedade de 25 a 30 hectares é excessivamente pequena para a aplicação do sistema de rotação de terras, especialmente em regiões montanhosas.

O problema do tamanho adequado das propriedades é vital para qualquer projeto de colonização, e devia ser estudado cuidadosamente de todos os ângulos, antes de ser iniciada a colonização. Para a compreensão do problema, desejo apresentar-lhes a expressão alemã *minimale Ackernahrung*; refere-se ela à mínima quantidade de terra necessária para proporcionar a um agricultor e sua família um padrão econômico e cultural decente. O *minimale Ackernahrung* depende principalmente de dois fatores: as características físicas da terra e o sistema agrícola que o lavrador deverá aplicar.

Agora vem a pergunta fundamental. Qual é, ou deve ser, o *minimale Ackernahrung* para um colono do sul do Brasil que quer aplicar o sistema de rotação de terras? Para responder à pergunta, temos que fazer um pouco de estimativa.

E' do consenso geral que, nas terras florestais do Brasil meridional, uma família composta de cinco a sete pessoas precisa de cinco hectares efetivamente em cultivo para manter um nível de vida decente.

Suponhamos que os primeiros cinco hectares derrubados sejam usados para cultura apenas durante um ano, depois deixado em repouso durante três anos. Neste caso, o agricultor precisaria de 5 mais 15, ou sejam 20 hectares. Se êle deixasse a capoeira crescer durante 6 anos, precisaria então de 5 mais 30, ou 35 hectares, e assim por diante. Quanto mais tempo os campos já cultivados ficarem em capoeira, tanto melhor será para a restauração do solo e, naturalmente, tanto mais terra será necessária ao agricultor. O caso ideal seria adiar o novo cultivo da capoeira até que a fertilidade original do solo tivesse sido restabelecida. Segundo a opinião da maioria dos colonos com quem conversei, isto exigiria 10 a 12 anos em terras boas e 15 a 20 anos em terras pobres. Percorrido êsse tempo, a capoeira tor-

nou-se alta e densa formando ãa mata secundária, denominada capoeirão.

Podemos agora responder à pergunta do *minimale Ackernahrung*. Deveria ser entre 55 ($5 \times 10 + 5$) e 65 ($5 \times 12 + 5$) hectares em terra boa, e entre 80 ($5 \times 15 + 5$) e 105 ($5 \times 20 + 5$) em terra ruim.

Êstes números têm, naturalmente, apenas um valor aproximativo e variam consideravelmente de acôrdo com a topografia e as condições do solo. Mas provam claramente que o tamanho de 25 a 30 hectares é "pequeno demais" para a aplicação do sistema de rotação de terras. A conseqüência é que o colono tem que usar uma rotação de terras muito mais curta e que cultivar sua capoeira cada 6,5, ou mesmo 3 anos. Daí resulta que os solos se esgotam rapidamente, as colheitas decrescem e a estagnação econômica se instala.

A deterioração da terra e da gente é mesmo mais acelerada pela divisão comum dos lotes originais entre os herdeiros. Em muitos lugares, os colonos atualmente só possuem metade ou um quarto de lote, isto é, 15 ou 7 hectares, e ainda usam o sistema de rotação de terras. Embora trabalhando duramente, esta pobre gente apenas consegue vegetar numa existência miserável.

EMÍLIO WILLEMS descreveu a situação do distrito de Guabiruba, no município de Brusque, da maneira seguinte: "A divisão da propriedade chegou ao ponto que os sítios não mais sustentam as famílias numerosas, obrigando os filhos a procurarem trabalhos nas fábricas locais. O retalhamento acompanhado do esgotamento das terras e de um empobrecimento econômico, físico e moral da população, leva à proletarização lenta, mas incoercível de centenas de famílias rurais. E isso está-se dando em uma região de imensas reservas de terras virgens".

Nestas condições, por tôda a parte os jovens emigram das propriedades rurais para as cidades ou para novas zonas pioneiras, nas quais procuram adquirir terra e começar o mesmo ciclo econômico. Os colonos são pouco ligados à terra dos seus antepassados. Vendem-na ou a deixam logo que há uma oportunidade. Esta atitude é resultado direto do sistema de rotação de terras e se assemelha ao hábito nômade do caboclo ou do índio. E o transbordamento da frente pioneira do Rio Grande do Sul para as áreas vizinhas de Santa Catarina e do Paraná está também, em grande parte, relacionado com o sistema agrícola. Essa gente emigra não tanto por causa do aumento da população, mas em conseqüência da deterioração da terra. E' interessante notar que especialmente os alemães são pouco arraigados aos seus lares e à sua terra. A teoria de HITLER de "Blut und Boden" ou "sangue e solo" certamente não foi posta em prática no Brasil meridional.

Enquanto o sistema de rotação de terras requer propriedades que, segundo os padrões europeus, devem ser consideradas grandes, o sistema de rotação de culturas pode ser aplicado em lotes muito menores, com 10 a 15 hectares, em média

Tipo do povoamento

Finalmente, o tipo de povoamento é de grande significado para a colonização. Os colonos podem grupar-se em povoamento aglomerado nas chamadas *Villages* ou em povoamento disperso. Os dois sistemas têm suas vantagens e desvantagens. No tipo de povoamento aglomerado, a vida social e comunal pode ser facilmente mantida, a frequência à escola ou ao serviço religioso não constitui problema algum. A dificuldade está no fato de que a terra de um agricultor fica a distância considerável de sua casa na vila, e que ele perde muito tempo indo e vindo de uma para a outra. O tipo de povoamento disperso tem a vantagem de que o agricultor vive na sua terra, e que a casa dele é cercada pelas suas lavouras, seus pastos, suas matas, etc. Isto torna a administração da propriedade muito mais fácil. A desvantagem é que o colono fica separado dos seus vizinhos e que os contactos sociais e culturais entre os membros de uma comunidade se tornam muito difíceis de manter, especialmente quando são pioneiros.

Habitat rural

Por tôda parte nas terras de mata do sul do Brasil temos "povoamento rural disperso". As propriedades, entretanto, não são espalhadas irregularmente, como acontece no *Middle West* dos Estados Unidos, mas são dispostas ao longo de certas linhas. Estas linhas são as picadas, abertas pelos pioneiros na mata original e que logo desde o princípio serviram como linhas de comunicação e estradas. Nas zonas serranas de colonização antiga, as linhas coloniais seguem normalmente os fundos de vales fluviais e de cada lado delas estão alinhados os lotes dos colonos, a distância de algumas centenas de metros. Algumas linhas coloniais têm 10 ou 20 quilômetros de extensão e centenas de lotes se distribuem ao longo delas. Esses lotes são estreitos ao longo da estrada e do rio, mas se estendem numa longa faixa retangular para o fundo, muitas vezes até o divisor de águas.

E' este exatamente o tipo de povoamento e a distribuição da terra que eram usados no fim da Idade Média, na colonização das montanhas do leste da Alemanha. Lá, este tipo de povoamento é chamado *Waldhufendorf*. *Wald* significa floresta, *Dorf* quer dizer vila e *Hufe* se refere à faixa comprida e estreita de terra que foi entregue a cada colono.

A ocorrência do *Waldhufendorf* medieval alemão no sul do Brasil levanta uma série de problemas que não posso discutir aqui. O fato interessante é que este tipo de povoamento é quase desconhecido no norte, no oeste e no sul da Alemanha, de onde vieram os primeiros imigrantes. Quase tôda essa população é originária de vilas aglomeradas (*Haufendörfer*), onde eles moravam comprimidos uns aos outros.

Núcleos de população

Os "povoados aglomerados" estão localizados a distâncias de 8 ou 10 quilômetros, geralmente em cruzamentos de estradas. As casas

se distribuem em volta de uma igreja e um cemitério, a escola e uma ou duas lojas e bares. Há freqüentemente um moinho, um ferreiro ou um fabricante de rodas. Em outras palavras, êsses núcleos aglomerados são centros culturais, sociais e comerciais, muito característicos das áreas coloniais, são inteiramente desconhecidos nas regiões habitadas por luso-brasileiros e ocupadas pelo sistema de latifúndios.

As casas se alinham ao longo de uma ou duas estradas. Êstes povoados são *Strassendörfer* quando se considera sua projeção sobre o mapa. Entretanto, a sua função não é a de um *Dorf* ou vila européia, mas de uma pequena cidade. Os alemães por isso, denominam êstes povoados aglomerados *Stadtplätze*, mesmo que consistam apenas de algumas casas.

Além desses pequenos povoados comerciais rurais, formaram-se, nas áreas coloniais, muitos "núcleos urbanos" grandes e pequenos. Nestas cidades, os artífices, comerciantes e industriais europeus criaram comunidades prósperas, que se comparam favoravelmente com cidades européias de tamanho semelhante. As cidades de colonização alemã de Joinville e Blumenau e a de italiana de Caxias do Sul são pérolas de civilização e cultura urbana. Em muitas cidades luso-brasileiras, também, especialmente nas capitais dos estados, o elemento europeu contribuiu muito para o desenvolvimento do comércio, da indústria e da cultura.

Do total da população européia do sul do Brasil, talvez cerca de 40% vivem em núcleos urbanos e 60% em rurais.

Em contraste com a colonização rural, a "colonização urbana" teve pleno êxito no sul do Brasil. Os habitantes da cidade, em contraste com os colonos, permanecem em comunicação constante com a Europa, o Rio de Janeiro e as capitais dos estados. Assim, êles puderam participar do soerguimento geral da cultura no mundo e, ao mesmo tempo, preservaram o seu caráter étnico até muito recentemente.

A população rural do sul do Brasil, entretanto, quer seja de origem alemã, italiana, polonesa ou ucraniana, comparada em seu conjunto com os padrões europeus e norte-americanos, tem que ser classificada como uma população atrasada. Tôdas as coisas que fazem a vida moderna agradável e fácil são desconhecidas da maioria dela; o seu nível econômico e cultural corresponde ao do século XVIII e princípio de XIX. FRITZ PLUGGE, que é colono, chamou esta pavorosa situação de *Urwaldelend* ou vida miserável na mata. Na opinião dêle, só há um meio de resolvê-la. cultivar e colonizar os campos do sul do Brasil.

II — O CULTIVO E A COLONIZAÇÃO DOS CAMPOS DO MERIDIONAL BRASIL

A maioria dos brasileiros acha talvez a idéia de cultivar e colonizar os campos inteiramente louca. Seria qualquer coisa como aconselhá-los a andar sobre a água ou a nadar na terra. São coisas contra

a natureza, que simplesmente não podem ser feitas. O conceito de que os campos não podem ser cultivados se baseia na crença de que o seu solo é pobre demais para a agricultura. E esta opinião é corroborada pelo fato de que através de todo o Brasil, os campos são usados somente para a criação de gado, ao passo que as florestas são usadas tanto para a agricultura como para a pecuária. O resultado desses métodos agrícolas foi uma destruição em massa das florestas, enquanto os campos têm geralmente preservado a sua vegetação natural.

O uso dos campos para terras de pastagens resultará de condições naturais ou econômicas? Será uma lei natural ou econômica? Deve ser necessariamente assim, ou isto representa apenas um estágio no desenvolvimento da agricultura brasileira? Levando-se em consideração somente o Brasil, poder-se-ia ser inclinado a acreditar que a divisão econômica do trabalho entre a mata e o campo é também uma divisão natural do trabalho. Entretanto, se recordarmos, como os Estados Unidos, nas décadas de 1830 e 1840 a colonização e a lavoura abandonaram a mata e atiraram-se para oeste para os prados abertos, depois de estes terem sido evitados pelos colonos durante muitos anos, então nos tornamos mais cuidadosos no nosso julgamento sobre as interrelações entre a vegetação e o uso da terra.

Num trabalho sobre "A vegetação e o uso da terra no Planalto Central", publicado nesta revista (n.º 3, ano X, jul-set. 1948, pp. 335-370), exprimi a opinião de que, sob certas condições, culturas não exigentes, tais como as da mandioca, do algodão e do abacaxi, serão praticadas nos difundidos campos cerrados, enquanto o campo limpo, devido às suas condições de solo, será provavelmente inadequado para o cultivo .

Nada seria mais errado do que generalizar estas conclusões e aplicá-las também ao Brasil meridional sub-tropical. Aqui não há estação seca; a chuva é igualmente distribuída durante o ano inteiro. Há poucos campos cerrados (no norte do Paraná somente), e os campos limpos são muito diferentes dos do Brasil tropical e poderiam ser comparados às estepes úmidas ou *prairies* das zonas temperadas. Enquanto os solos de campo limpo tropical são secos, duros e estérteis, não é este o caso no campo limpo sub-tropical. E' verdade que, também no sul do Brasil, os solos dos campos são geralmente mais pobres que os solos de mata, mas há muitas exceções a esta regra. Além disso, os solos de campo limpo do Brasil meridional são desprovidos de crosta superficial dura, o que constitui uma característica prejudicial, comum nos campos do planalto tropical.

Rio Grande do Sul

Na bacia do alto rio Negro, ao longo da estrada de ferro que vai de Pelotas para oeste, a Bajé, foram feitas recentemente experiências em larga escala sobre a cultura do trigo em terras de campo. Foram bem sucedidas e agora o govêrno do estado está projetando

desapropriar as grandes fazendas de gado e dividir essas terras entre pequenos proprietários, a fim de promover a cultura do trigo. Não é surpresa que as estepes do extremo meridional do Rio Grande do Sul, que limitam com o pampa do Uruguai e da Argentina, sejam cultiváveis. Deve ser lembrado também que, no século XVIII, imigrantes açorianos cultivaram trigo em terra de campo no leste do Rio Grande do Sul em escala tal, que de 1780 a 1820, houve considerável exportação de trigo para o Rio de Janeiro.

O grande problema é: Os campos dos planaltos do sul do Brasil serão cultiváveis? Estes campos, com as terras mistas de mata e campo, cobrem uma área enorme e gozam de excelente clima. Hoje em dia, são ocupados por fazendas de gado e têm uma população extremamente escassa. Se fossem apropriados para a agricultura, poderiam ser submetidos à colonização por pequenos lavradores, e isto mudaria inteiramente a situação econômica e social dos planaltos.

No planalto ocidental do Rio Grande do Sul, vêem-se grandes campos arados nos arredores de cidades como Cruz Alta, Carazinho e Passo Fundo. Estes campos são aproveitados para o plantio de uma ou duas colheitas de mandioca, sendo depois plantados com eucaliptos para fornecer lenha às cidades. Muitos campos menores estendem-se nas vizinhanças das casas dos fazendeiros de gado; diz-se que produzem mandioca durante muitos anos, sem aplicar adubo. O milho, entretanto, não dá bem e, após a sua colheita, o campo tem que ficar em repouso durante alguns anos antes que se faça uma nova cultura.

Estas observações provam claramente que os campos dos planaltos do Rio Grande do Sul também são cultiváveis.

Nos planaltos de Santa Catarina, até agora não vimos nenhuma tentativa de cultivo de terras de campo. No planalto do Paraná, contudo, o cultivo e mesmo a colonização dos campos foram empreendidos há muitos anos e alcançaram aí notáveis resultados.

Paraná

A primeira tentativa para colonizar os campos do estado do Paraná foi feita há 70 anos e resultou numa falência completa.

Nos anos de 1877-79, o governo imperial colocou cerca de mil famílias alemãs do sul da Rússia, dos chamados alemães do Volga, nos campos dos municípios de Ponta Grossa e Lapa. O objetivo claro de ambos, governo e colonos, foi de que estes cultivassem trigo em larga escala. Contrariando os conselhos de funcionários e particulares, os alemães do Volga não foram colonizar as férteis terras de mata, mas o campo que lhes fazia lembrar a estepes do sul da Rússia. Logo no primeiro ano, araram o campo e plantaram trigo, conforme estavam habituados a fazer na Rússia meridional. Entretanto, lá o solo é extremamente fértil e tão rico em húmus que é quase prêto e produz safras imensas por muitos anos seguidos sem o uso de estêrco. No Paraná, porém, a primeira colheita foi uma falência completa e os

colonos, com grande tristeza, aprenderam que os solos do campo limpo são pobres e muito inferiores aos da estepe russa. Desesperados, cerca de 50% dos imigrantes abandonaram o Paraná e o Brasil, e emigraram para a Argentina e os Estados Unidos ou voltaram para a Europa. Aquêles que ficaram ou se dedicaram ao comércio do transporte e se tornaram habitantes da cidade bem prósperos, ou adotaram o sistema de rotação de terras e cultivaram terras de mata, deixando o campo para pasto. As novas colônias foram estabelecidas no limite entre a mata e o campo.

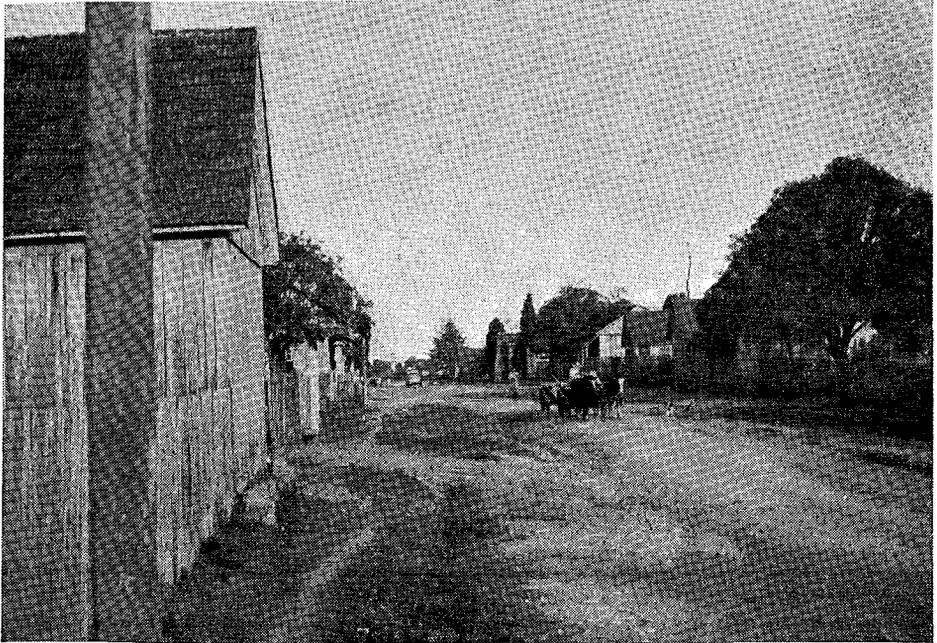


Fig. 25 — O povoado Mariental de alemães do Volga no município de Lapa (Paraná)

(Foto Nilo Bernardes 13-V-948)

Das outrora numerosas colônias de alemães do Volga no Paraná só restam quatro. Há duas comunidades protestantes no município de Palmeira e duas católicas no município de Lapa. Cada colono recebeu, de um lado, 17 hectares de terra de cultura num só lote dentro da mata; do outro, no campo, recebeu a mesma quantidade de terra de pasto. Esta, entretanto, não é dividida em propriedades individuais, mas é usada como pasto comum. As casas dos colonos são cercadas por meio hectare de terra para jardim e se estendem de ambos os lados de uma rua muito larga, formando uma vila compacta.

Seria de esperar que a moradia nestes núcleos aglomerados mantivesse os padrões sociais e culturais dos alemães do Volga num nível elevado. Entretanto, isto não aconteceu. A verdadeira situação econômica, social e cultural nestas quatro vilas é a mesma que a da maioria dos colonos da mata, que vivem num povoamento disperso. As casas e a população não impressionam favoravelmente e poucas

famílias parecem prósperas. Os colonos têm pouco gado, daí resultando que só podem estrumar os jardins que cercam as casas. Na mata, todos êles usam o sistema de rotação de terras e, em consequência, depois de 70 anos de ocupação, os solos estão esgotados e as safras são extremamente pequenas. Aqui encontramos, na região mista de mata e campo, a mesma estagnação econômica e cultural que caracteriza as áreas de mata de colonização antiga.

Carambeí

Esta primeira tentativa malograda de colonizar e cultivar os campos do estado do Paraná não encorajou outras medidas nesse sentido durante muitos anos. A tentativa seguinte foi feita pela companhia inglesa Brazil Railway Co, que construiu a estrada de ferro entre São Paulo e o Rio Grande do Sul. Em 1911, no ponto mais alto da linha a 1 100 metros de altitude entre as cidades de Castro e Ponta Grossa, num campo limpo típico, a Companhia iniciou uma colônia com elementos holandeses e alemães, chamada Carambeí, a fim de promover a cultura do trigo. Apesar da grande inversão de capital e de trabalho, a colônia não prosperou durante cêrca de 20 anos. Entretanto, a partir do comêço da década de 1930, com a chegada de alguns holandeses ricos, proprietários de plantações das Índias Orientais, as condições melhoraram extraordinariamente e, de tôdas as colônias menores que eu vi até agora no Brasil, Carambeí, é a mais adiantada e a mais próspera. E está situada em plena terra de campo limpo!

Quando alguém se aproxima de Carambeí de automóvel através do campo limpo, vê, sôbre uma elevação comprida e larga, uma flo-

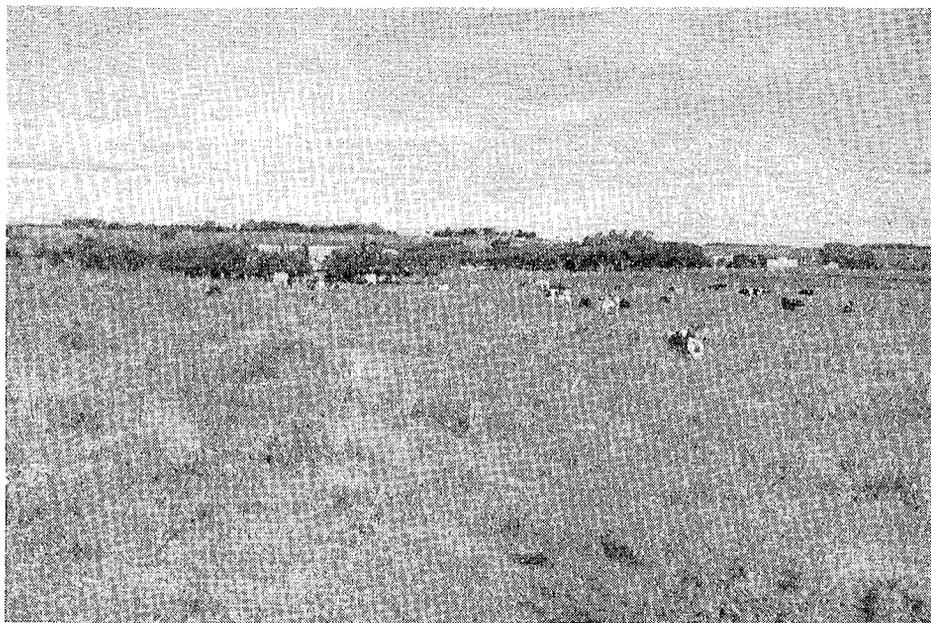


Fig. 26 — A colônia holandesa Carambeí em campo limpo. Em tôrno das casas há bosques de eucalipto, campos de cultura e pastos naturais e artificiais 22-V-948

resta verde escura de eucaliptos, interrompida aqui e ali por construções de telhado vermelho vivo. Ao entrar no povoado, que se estende por cerca de 15 quilômetros ao longo de uma única rua seguindo a crista da elevação, fica-se surpreso de ver casas modernas de tijolos, bonitas e limpas, como se vêem nos subúrbios das cidades, e estábulos sólidos para animais, mais bem construídos e conservados que as casas de muitos colonos da mata. Em torno das hortas de



Fig 27 — Durante a noite os animais são guardados em estábulos bem construídos
Carambei — Paraná

(Foto Nilo Bernardes 4-V-948)

verduras, estendem-se campos arados e pastos cultivados que alimentam um gado gordo, preto e branco, enquanto as encostas de ambos os lados da elevação estão revestidas por vegetação de campo natural, seja por grandes manchas de matas de eucaliptos e acácias. Os moinhos de vento, girando ao impulso de uma brisa constante; os cavalos pesados atrelados a carroças de quatro rodas, o grande número de bicicletas, e o povo louro, saudável e forte. Tudo é tão diferente daquilo que estamos acostumados a ver no Brasil. Aqui se tem de fato a impressão de estar na Holanda ou no Middle West dos Estados Unidos.

O grande êxito desta pequena colônia holandesa é tanto mais surpreendente porquanto os solos de Carambei são decididamente pobres em substâncias nutritivas, o cálcio e o fósforo são completamente ausentes. Contudo, são solos profundos, fáceis de arar e relativamente ricos em água subterrânea. Uma terra como esta só poderia ser cultivada com a aplicação regular de fertilizantes e estrume. Isto os holandeses, ao contrário dos alemães do Volga, cabiam logo, desde

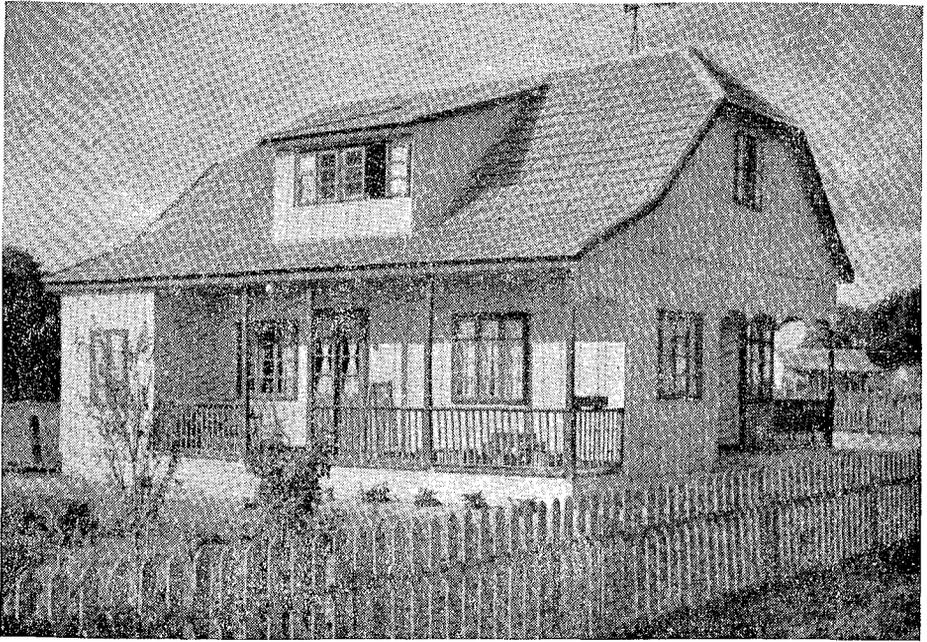


Fig 28 — Casa de moradia de um colono em Carambeí

(Foto Walter A. Egler 29-II-949)

o início Disseram-nos que a companhia ferroviária inglesa embarcou da Europa para Carambeí um navio cargueiro cheio de adubo artificial superfosfatado. Mais tarde, deu-se ênfase ao adubo animal e, para obtê-lo, o gado foi guardado nos estábulos tôdas as noites. Estes colonos não podiam deixar as suas reses vagarem pelo vasto campo, como o fazem os donos das grandes fazendas de gado. Também não podiam — por causa da pobreza do solo — aplicar o sistema de rotação de terras na agricultura, conforme é uso entre os seus vizinhos nas áreas de mata, a leste. Assim, os holandeses fizeram da necessidade uma virtude e logo desde o princípio aplicaram a rotação de culturas combinada com a criação de gado, como estavam habituados a fazer na Europa.

Em outras palavras: A colonização no campo começou com o sistema agrícola mais intensivo, sistema êsse que levou decênios para se desenvolver nas matas, onde constitui o clímax de uma série de vários estágios agrícolas. E enquanto nas matas do sul do Brasil, a combinação da rotação de culturas com a pecuária só é aplicada por um número muito pequeno de colonos, no campo, todo lavrador tem de usá-la a fim de poder manter sua lavoura. Aqui, ela é uma "*conditio sine qua non*".

Os laticínios são a indústria básica de Carambeí. Em média, cada agricultor tem cerca de 20 vacas, e a colônia no seu conjunto, cerca de 1 000. O grande problema é alimentar êsses animais consumidores o ano inteiro. Para êsse fim, cada proprietário tem um pasto natural

e outro artificial, cultiva plantas forrageiras em campos arados, e além disso, importa milho e caroço de algodão do norte do Paraná. O milho, o arroz de terra enxuta, o trigo, a batata inglesa, a batata doce, a mandioca, o nabo e a espérgula são os principais produtos cultivados no campo de Carambeí.

O tamanho médio da propriedade está entre 50 e 200 hectares; destes, só 5 a 10 hectares estão em cultivo, enquanto 2 a 3 hectares estão plantados com capim "kikuiu".

Em Carambeí vivem cerca de 50 ou 60 famílias, das quais cerca de 90% são de origem holandesa. Os colonos estão organizados em cooperativa agrícola e vendem os seus produtos (manteiga) para Ponta Grossa e Curitiba. A população protestante, que predomina, é adepta dos princípios puritanos; não há nenhum botequim na comunidade

Terra Nova

Encontramos uma situação semelhante na colônia muito mais jovem chamada "Terra Nova", situada igualmente no município de Castro, entretanto não em pleno campo, mas parte em terra de mata. Terra Nova é criação da companhia alemã "Gesellschaft für Siedlung im Auslande", que foi fundada e sustentada pelo govêrno alemão e que estabeleceu colônias em várias partes do mundo, tudo de acôrdo com certos planos e princípios.

Em Terra Nova, segundo o plano original, deviam ser estabelecidas duas vilas nas terras de uma antiga fazenda de gado que tinha uma área de 5 800 hectares. As vilas eram próximas uma da outra, porém um tanto diferentes: uma devia ser habitada somente por católicos e a outra só por protestantes. O povoamento começou em 1932, mas das duas vilas só a católica, chamada Garcês, desenvolveu-se satisfatoriamente. Parece que a razão disso foi que, em Garcês, foram colocados imigrantes vindos da Alemanha, todos trazendo algum capital e com um nível de educação relativamente elevado.

A colônia foi disposta exatamente conforme o padrão das vilas de alemães do Volga, recebendo cada colono 19,3 hectares de terra de mata e 9,6 hectares da de campo, a primeira para ser utilizada pela agricultura e a última pela criação de gado. Muito depressa, entretanto, provàvelmente influenciados pela experiência dos holandeses em Carambeí, alguns colonos se aperceberam da possibilidade do cultivo do campo e ficaram admirados ao ver como o milho e o arroz de terra enxuta dão bem em terra de campo arada e adubada. Agora houve uma mudança decisiva em Garcês, da mata para o campo, e neste vêem-se algumas boas casas de colono comparáveis às de Carambeí. Em Garcês vivem 65 famílias. Um só colono que mudou a sua lavoura da mata para o campo paga a mesma quantidade de impostos que era paga antigamente pelo proprietário da fazenda em que foi estabelecida a colônia. E o que é mais importante: o preço da

terra de campo, que a princípio era de 25% mais baixo que o da terra de mata, agora é igual ao desta última. Esta situação dos preços da terra é talvez única no Brasil inteiro.

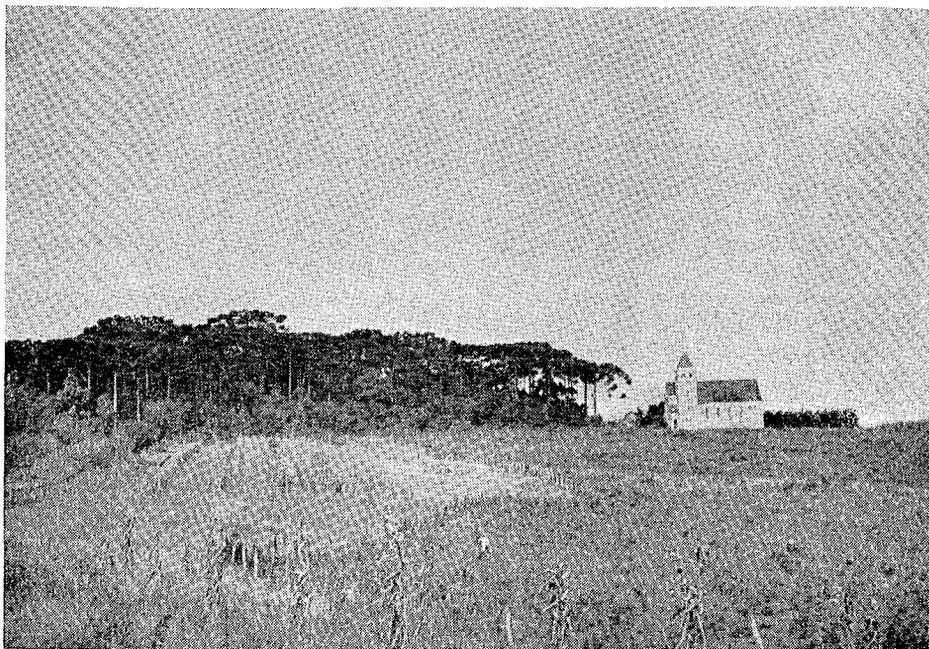


Fig. 29 — A colônia alemã de Garcês que está localizada na borda da mata com o campo limpo. No primeiro plano à esquerda, campos arados e adubados em terras de campo natural. 3-V-948

Boqueirão-Curitiba

Há uma terceira colônia no campo do estado do Paraná. Foi fundada em 1933 em base de cooperativa por menonitas vindos da Rússia, que se estabeleceram a cerca de 12 quilômetros a sudeste da cidade de Curitiba. Enquanto todos os antigos colonos europeus em torno de Curitiba tinham escolhido terras de mata, estes recém-chegados compraram uma fazenda de gado no campo e começaram imediatamente a cultivá-la segundo o sistema de rotação de culturas combinada com criação de gado. É interessante notar que um outro grupo de menonitas vindo da Rússia, que chegou na mesma época ao alto vale do Itajaí, no estado de Santa Catarina e ocupou terras na zona pioneira, adotou o sistema primitivo de rotação de terras, não por sua livre escolha, mas devido à grande distância do mercado, que tornou a agricultura intensiva impossível. Depois de 15 anos de vida frustrada na floresta, muitos desses menonitas se estão mudando agora para a estepe meridional do Rio Grande do Sul (vale do rio Negro), a fim de plantar trigo de acordo com um tipo mais intensivo de agricultura.

Até a ocasião da nossa visita, os menonitas de Curitiba declararam não ter ouvido falar de Carambeí, e não compreenderam a minha pergunta sobre a origem do seu sistema agrícola. Ao presidente da coope-

rativa, o cultivo de terra de campo parecia uma coisa natural. Disse-me êle que o solo do campo não é mau, mas precisa de mais estêrco do que o solo da mata. Por outro lado, as lavouras no campo são mais fáceis de conservar livres de pragas do que as lavouras estabelecidas em antigas terras de matas.

Na colônia menonita de Curitiba, vivem 132 famílias, cada uma das quais, tem 5 a 10 hectares de terra que se estende ao redor do quintal da propriedade. A terra é arada e adubada. A quantidade de terra sob cultivo depende da quantidade de estrume disponível; relação esta que é de muita importância! A batata inglesa, a batata doce, o milho e o centeio são as principais culturas.

Em média, cada colono tem 10 a 20 cabeças de gado leiteiro, na maioria de meio sangue holandês e suíço. Durante a noite, os animais são guardados em estábulos, mas durante o dia, ficam no pasto comum. Não é êste propriedade dos colonos, mas alugado de fazendeiros vizinhos. Conforme acontece em Carambeí, tem que ser importada forragem, na forma de caroço de algodão, milho, feno, etc., do norte do Paraná e mesmo do estado de São Paulo. Não há fábrica de manteiga ou de queijo. O leite é vendido diretamente aos consumidores da cidade.

As duas ruas do povoado estendem-se sôbre uma elevação larga. Devido à sua fundação recente, muitas casas são simples e mesmo primitivas, gado e seres humanos vivem debaixo do mesmo teto. Outros colonos, contudo, construíram estábulos sólidos e casas modernas, como as que se vêem em Carambeí. Os preços da terra têm

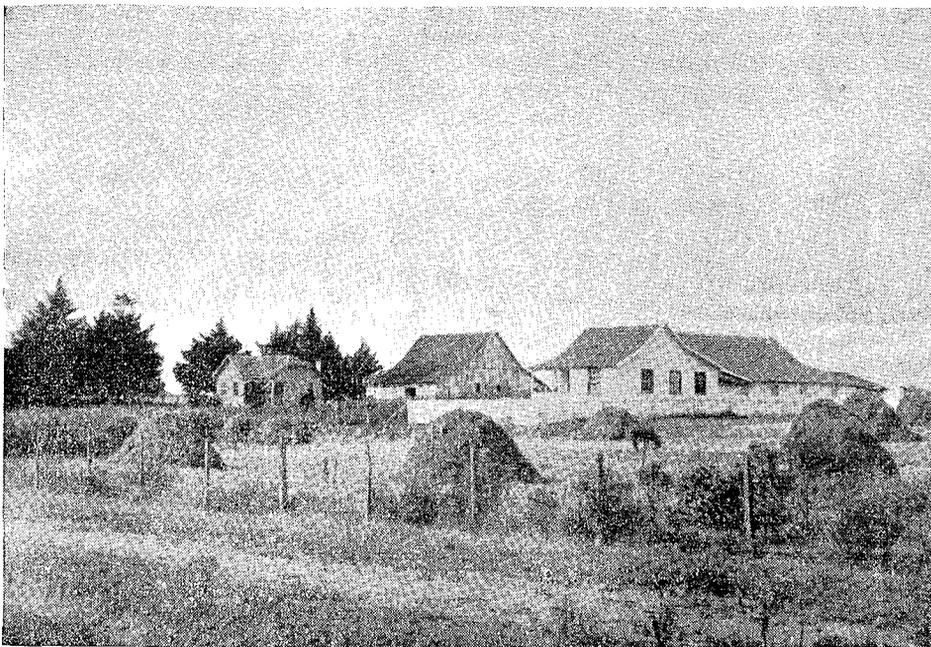


Fig. 30 — Colônia de Menonitas em terras de campo natural em Curitiba. Sistema de rotação de culturas.

(Foto Nilo Bernardes. 11-V-948)

quase duplicado de ano para ano. Há uns 14 anos atrás, o preço de alqueire (2,42 ha.) era de 1 700 cruzeiros, hoje, é de mais de 20 000 cruzeiros. E isto no campo, é bem verdade que na vizinhança imediata de uma grande cidade

III — CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Das observações e fatos relatados na segunda parte deste trabalho, chego à conclusão de que os campos dos planaltos do sul do Brasil podem ser cultivados e colonizados, se forem aplicados métodos agrícolas intensivos e se fôr assegurado um mercado para produtos comerciais compensadores. Esta conclusão levantará provavelmente muita discussão e controvérsia entre os colonos da mata.

Neste ponto, desejo contar uma breve história. O consulado alemão em Curitiba editava e publicava uma revista agrícola chamada *Centro Agrícola*. Nesta revista, em 1932, apareceu um artigo intitulado *Colônia Utopia*, no qual eram explicadas as desvantagens da colonização na mata e se fazia propaganda da colonização e da lavoura no campo. Seu autor era FRITZ PLUGGE, que era, êle próprio, colono da mata, e que tenho mencionado repetidamente. Dois anos mais tarde, por causa das idéias expostas no artigo, foi êle nomeado diretor da colônia Terra Nova. Entretanto, os colonos alemães tinham uma opinião completamente diferente sôbre o artigo, que causou tremenda celeuma entre êles. O editor foi crivado de cartas, nas quais as idéias do senhor PLUGGE eram violentamente atacadas e classificadas como loucas ou ridicularizadas. Alguns colonos ameaçaram retirar a assinatura da revista, se não dessem um paradeiro imediato àquele contrassenso. A discussão foi viva e acalorada e de todo não objetiva.

As razões que eram dadas contra a colonização do campo eram, em parte, as mesmas que há cem anos os fazendeiros do Middle West dos Estados Unidos tinham usado para desacreditar a colonização dos prados. "Os prados eram geralmente evitados pelos primeiros povoadores por várias razões: 1) A ausência de árvores era considerada como significativa de que êles eram inférteis. 2) A madeira era de necessidade imperiosa para a construção de cercas e para combustível. 3) Lá não havia proteção contra os severos ventos do inverno, que, acima de tudo, tornavam a estação desagradável. 4) Para o lavrador, os prados com sua relva coriácea e de raízes entrelaçadas constituíam um problema novo e desconhecido no seu conjunto. Durante certo tempo, os homens ficaram incapazes de resolver êste problema, e os prados eram considerados como "inabitáveis por uma idade". Lá para 1836, os poucos que achavam os prados susceptíveis de ocupação eram vistos como loucos visionários".⁵

O problema que o Middle West enfrentava há cem anos atrás e que o sul do Brasil enfrenta hoje em dia é basicamente o mesmo é o

⁵ H. H. BARROWS: "Geography of the Middle Illinois Valley" Illinois State Geological Survey Bulletin n.º 15, 1910, pp 77-78. Agradeço a Miss Wigley a referência desta citação.

método de cultivar a estepe. Nos Estados Unidos, onde o solo do prado é muito melhor do que o solo da mata, o problema era como romper a relva coriácea do prado? Foi resolvido pela invenção do arado de aço.

No sul do Brasil onde o solo do campo é mais pobre que o solo da mata, o problema é aplicar bastante adubo e fertilizante para tornar o cultivo possível. Em ambos os casos, o problema fundamental não é o contraste natural entre a mata e a estepe, mas o contraste econômico entre diferentes métodos e técnicas agrícolas.

No sul do Brasil o colono da mata pode usar o primitivo sistema de rotação de terras que não requer nem capital nem conhecimento, mas apenas capacidade de adaptação e trabalho árduo. No campo, também, o colono tem que trabalhar penosamente. Além do trabalho, entretanto, êle precisa de capital para comprar animais e instrumental agrário e, sobretudo, precisa de conhecimento para poder aplicar um sistema agrícola intensivo.

Exagerando, podemos dizer: Na mata, todos podem aplicar o sistema de rotação de terras, o índio, o caboclo de origem luso-brasileira e o imigrante europeu pobre e sem educação, quer seja alemão, italiano ou polonês, etc. No campo, somente o lavrador treinado e educado, com algum capital, pode aplicar o sistema de rotação de culturas combinada com criação de gado. Tem êste que vender um produto comercial valioso, portanto depende de mercado, ao passo que o colono da mata pode sustentar uma vida pobre, baseada na agricultura de subsistência, durante decênios.

Naturalmente, o sistema de rotação de culturas combinada com a pecuária também pode ser usado na floresta, se o solo da mata fôr tratado como o do campo, isto é, arado e adubado regularmente. Dos dois processos, a adubação é muito mais importante do que o uso do arado. Frequentemente lemos nos jornais que os agricultores brasileiros devem usar o arado, e que êste processo de mecanização é a medida mais importante para a intensificação dos métodos agrários. Entretanto, não é êsse o caso. O uso do arado concorda perfeitamente com o sistema de rotação de terras e, por outro lado, os colonos japoneses aplicam um sistema agrícola muito intensivo sem usar o arado. Não é tanto o emprêgo de instrumentos quanto à aplicação regular de estrume e fertilizantes e a rotação sistemática de culturas que constituem os elementos básicos da agricultura intensiva. Sem inundação natural e irrigação, esta só pode ser conseguida por meio de uma combinação de lavoura e pecuária.

A ausência dêste sistema de associação lavoura-pecuária é o fato fundamental da vida econômica do Brasil, bem como de todos os outros países dos trópicos americanos. Aí, os dois principais ramos de agricultura estão separados, tanto econômica quanto espacialmente. Isto leva, por um lado, ao primitivo sistema de rotação de terras, e por outro, ao igualmente primitivo sistema de pastoreio em grandes fazendas. Desta maneira, o Brasil tem desperdiçado e perdido o fer-

tilizante mais valioso, o estrume, e os seus solos têm deteriorado a tal ponto que têm causado alarme aos agricultores assim como aos estadistas.

De acôrdo com a lei de VON THÜNEN, a pecuária isolada sob a forma de pastoreio é econômicamente sadia e justifica a grande distância do mercado. Encontramo-la, portanto, nas áreas remotas de muitos países. À semelhança da distância do mercado, o clima sêco favorece a separação econômica entre a lavoura e a criação de gado. No Brasil, entretanto, a pecuária sob a forma de pastoreio em grandes fazendas ocorre não somente no interior longínquo e no nordeste semi-árido, mas também nas terras úmidas e outrora florestais, ao longo da costa marítima. O sertão litoral, ou deserto demográfico ao longo da costa, é um aspecto tipicamente brasileiro, que não encontramos em nenhum outro grande país do mundo. E a horrível tríade cultural do Brasil: falta de alimentos, subnutrição e pobreza da população, estão basicamente relacionadas com a separação econômica e espacial da agricultura e da pecuária.

Tanto o público quanto as autoridades estão bem prevenidos da situação alimentar precária e perigosa do país, e planos grandiosos estão sendo propostos e desenvolvidos, a fim de melhorar a situação. Para mim, como geógrafo agrícola, o mais importante a fazer é: dar um fim à fatal separação econômica e espacial da lavoura e da pecuária, que solapa a agricultura brasileira como um câncer econômico. Em vez disso, adotar métodos agrícolas europeus-americanos em tôdas as áreas em que as condições climáticas o permitam... E' êste, sem dúvida, o caso nos planaltos do sul do Brasil com seu clima de *tierra templada* e *tierra fría*. Apenas àquelas regiões se aplicam as observações que se seguem. Não se aplicam, portanto, ao Brasil tropical; quero deixar bem clara esta limitação.

Os agricultores do Brasil têm que aprender que as condições de solo não são finais nem irrevogáveis, como o são a topografia e o clima, mas são variáveis e podem ser melhoradas ou deterioradas pela atividade humana. Os solos devem ser cuidados e cultivados como as culturas! Devido ao cultivo secular dos seus solos, a Europa, ou pelo menos a Europa Central e Ocidental, tem pouca ou nenhuma erosão ou esgotamento de solo. E' êste o aspecto de paisagens culturais jovens, e não velhas. Se forem tratados convenientemente, podem os solos pobres produzir quase a mesma coisa que os ricos. A aplicação de adubo, animal ou artificial, é o alicerce da agricultura intensiva do tipo europeu.

A aplicação dêste sistema no Brasil representa a quebra de uma tradição secular, uma completa mudança nas técnicas agrícolas e o desenvolvimento de um novo espírito econômico. A velha geração de colonos da mata nunca mudará da rotação de terras para a rotação de culturas, continuará a queimar as florestas até que as derradeiras manchas de mata virgem tenham desaparecido do solo do Brasil meridional. Para educar a geração mais jovem e as crianças, no novo

método de cultivo, levará talvez um tempo muito longo. Proponho por isso outra solução, que é a mais rápida e também mais radical: a colonização dos campos dos planaltos do sul do Brasil.

Não quero dizer que todos os campos do sul do Brasil devam e possam ser cultivados. Há grandes áreas de campos limpos, especialmente no planalto paleozóico do Paraná que decididamente não são apropriados para o cultivo. (Entretanto, é neste planalto que está situada a colônia holandesa de Carambei. Recomendo especialmente para o povoamento e a colonização, as áreas com vegetação mista de mata e campo. Cada colono deveria receber uma pequena mancha de terra florestal, que lhe forneceria madeira de construção e combustível; a casa do colono e as suas lavouras seriam, contudo, estabelecidas em terra de campo. Aí, tem êle à sua disposição pastos naturais e terras fáceis de arar, bastante água subterrânea e um excelente clima. Além disso, como a estrada de ferro de São Paulo ao Rio Grande do Sul segue por centenas de quilômetros os divisores de águas com sua vegetação de campo, o colono não teria que se preocupar muito com o transporte, coisa de vital importância para os seus produtos comerciais.

Não tratarei dos problemas políticos e financeiros que o povoamento, ou melhor, o repovoamento dêesses campos implicará. Os grandes fazendeiros de gado não gostarão da idéa ou, pelo menos pedirão preços exagerados pelas suas terras. A maior dificuldade será conseguir o tipo de colono que será requerido para o cultivo do campo, o pequeno proprietário europeu treinado e experimentado em agricultura intensiva.

Tenho muitas vêzes a impressão de que aqui no Brasil, no que diz respeito à colonização, pensa-se unicamente, ou principalmente, no interesse do país, e presta-se pouca ou nenhuma atenção aos interesses do imigrante. Êste tem que ficar com aquilo que se lhe oferece, pensam muitos brasileiros. Mas isto é inteiramente errado, conforme o prova claramente a história da colonização no Brasil. A colonização é uma espécie de casamento entre um país e uma pessoa ou uma família, e cada parte tem seus interesses, suas reivindicações, seus deveres e seus direitos, que devem ser respeitados por ambos os cônjuges, se se quiser que o casamento seja feliz. Os colonos devem encontrar no novo país condições legais, sociais e culturais que os satisfaçam completamente. Estas condições foram proporcionadas na parte norte dos Estados Unidos e foram estas as principais razões por que esta parte do mundo recebeu mais imigrantes do que qualquer outro país.

As condições legais e sociais serão especialmente exigidas por aquêles colonos que tenha em mente para o povoamento dos campos do sul do Brasil, o pequeno agricultor europeu, possuidor de conhecimentos e de algum capital. Essa gente não está, de modo algum, na dependência do Brasil. Êles terão possibilidades na Argentina, no Canadá, na Austrália e em muitos outros países do mundo. Se o

Brasil deseja obter e conservar êstes imigrantes, deve acomodar-se à psicologia dêles, da mesma maneira que os colonos deverão adaptar-se ao novo país e às suas instituições econômicas e culturais.

Quais são as exigências sociais e culturais de uma colonização européia próspera e florescente no Brasil? Omitirei o aspecto legal da questão e restringir-me-ei somente aos aspectos que podem ser estudados e analisados por um geógrafo de campo. Posso adiantar que os meus assistentes e companheiros de viagem brasileiros participam da minha opinião e chegaram à mesma conclusão, observando e comparando muitas colônias.

Desejo salientar três pontos

Primeiro. *Cada colônia deve representar uma unidade étnica.*

Com isso quero significar que ela deve ser habitada por algumas centenas de holandeses ou alemães ou polacos ou italianos, e assim por diante. Sei que êste ponto repudia a presente lei e fará surgir muita divergência e oposição. Contudo, é necessário discuti-lo franca e sinceramente no interêsse do objetivo comum.

A idéia das leis de 1938 é evitar a colonização nacional em larga escala, como aconteceu em algumas partes dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Aí, na opinião da maioria dos brasileiros, algumas colônias alemãs e italianas quase chegaram a formar um "estado dentro do estado". Para impedir um cisma nacional, as novas leis determinam que só podem ser estabelecidas colônias mistas. Não é conveniente para mim, como estrangeiro, criticar as leis do país. Entretanto, espero que me permitam assinalar o fato de que tanto os alemães, como os italianos, polacos e ucranios prestaram maior benefício a si próprios e ao Brasil lá onde foram colonizar em áreas compactas. Para comprovar esta afirmação, basta-me somente citar colônias tais como Blumenau, Caxias do Sul, a colônia polonesa de Araucária e a ucraina de Prudentópolis, as duas últimas no estado do Paraná. Onde os colonos europeus se estabeleceram em comunidades isoladas ou em pequenos grupos entre os luso-brasileiros, ficaram estagnados ou se tornaram caboclos.

Em lugar de colônias compactas, etnicamente uniformes há atualmente a tendência para se estabelecer "colônias mistas", nas quais os luso-brasileiros devem viver entre os estrangeiros de diferentes origens étnicas, a fim de assimilar a êstes últimos o mais depressa possível. Aquêles que acredita nesta espécie de colonização não conhece a psicologia dos imigrantes, nem jamais viveu como forasteiro numa comunidade estrangeira, mas terá oportunidade de conferir as suas idéias, visitando o núcleo colonial Barão de Antonina, que foi fundado em 1930 pelo estado de São Paulo, como uma experiência social de colonização mista. Em 1938, viviam na colônia 162 famílias luso-brasileiras e 154 estrangeiras pertencentes a 15 nacionalidades diferentes. Os lotes foram distribuídos de tal maneira que a criação de quistos étnicos dentro da comunidade era impossível. Desta forma a administração esperava que os estrangeiros assimilariam rapidamente a vida

e a cultura brasileiras, e que os brasileiros aprenderiam daqueles, os métodos mais adiantados de agricultura⁶. O que realmente aconteceu foi que os estrangeiros, inclusive os japoneses, baixaram o seu padrão agrícola e adotaram o sistema de rotação de terras melhorada dos brasileiros. Houve poucos casamentos entre estrangeiros de nacionalidades diferentes ou entre estrangeiros e seus vizinhos brasileiros, e fica-se com a impressão de que a situação social e cultural não é feliz. Deve mencionar-se, entretanto, que o desenvolvimento da colônia foi prejudicado pela sua posição num recanto longínquo do estado, a 88 quilômetros da estação ferroviária mais próxima, e que as dificuldades de transporte, assim como a malária e os erros cometidos pela administração interferiram com a execução de uma experimentação social "pura".

Pelo que aprendi em Barão de Antonina e em muitas colônias do sul do Brasil, a primeira geração de imigrantes europeus só ficará satisfeita e feliz se lhe fôr permitido formar uma comunidade que seja uniforme do ponto de vista étnico, social e cultural. Não me compreendam mal. Não estou propondo colocar imigrantes em grandes colônias compactas, como sucedeu em Blumenau ou em Caxias do Sul. Minha idéia é formar várias pequenas comunidades européias, de origem étnica uniforme, dentro da mesma área. Por exemplo: uma colônia, ou melhor, uma comunidade alemã, ao lado de uma holandesa; uma italiana entre elas; povoados poloneses e ucranios ao redor deles e todos, naturalmente, entremeados de comunidades luso-brasileiras. De acôrdo com êste princípio, que se poderia chamar de "colonização étnica disseminada", não há perigo de formação de quistos e, por sua vez, será facultado aos colonos desenvolver um sentimento associativo, de que formam uma unidade.

Êste princípio já está pôsto em prática no município de Castro que, para a colonização, pode ser considerado como outra estação experimental. Êsse mesmo princípio desenvolveu-se espontâneamente entre os primeiros povoados dos Estados Unidos, especialmente no Middle West; mas na segunda e terceira geração foi abandonado e hoje em dia dificilmente se encontram remanescentes dêle. De qualquer forma, atualmente é preciso ser um observador cuidadoso para descobri-los no meio da população amalgamada.

Ora, porque deveria o Brasil evitar a colonização étnica disseminada, que é claramente um desejo natural dos imigrantes e que surtiu tão bom efeito nos Estados Unidos? Não se iludam. A colonização étnica disseminada é para o Brasil muito mais importante e necessária à colonização bem sucedida, do que jamais o foi para os Estados Unidos. E por que?

No Middle West dos Estados Unidos, os imigrantes da Europa encontraram um meio social inteiramente novo, no qual as velhas instituições da Europa, o sistema de latifúndio, o exército e a igreja,

⁶ Vei o artigo de PIERRE MOMBÉIG, "The Colonial Nucleus Barão de Antonina" *Geographical Review*, abril de 1940, pp 260-271

tinham perdido o seu poder. A terra podia ser tomada livremente por qualquer um; os imigrantes adquiriram logo todos os direitos cívicos e participaram na formação da nova sociedade. Os Estados Unidos são um "Novo Mundo", não tanto geogràficamente quanto socialmente. E' isto o que os europeus entendem pela palavra mágica "América".

Neste sentido da palavra, o Brasil não pertence à América. O imigrante europeu encontra no Brasil não um mundo novo, mas social e culturalmente um mundo velho, com as mesmas instituições que êle deixou na Europa. Para os italianos, espanhóis ou portugueses, isto não significa muito. Mas os centro-europeus encontram no Brasil um meio inteiramente diferente; êles não emigram para a América, mas para Portugal. E esta é a razão pela qual essa gente, de que o Brasil precisa, porque êles estão entre os melhores agricultores do mundo, tem tantas dificuldades para adaptar-se ao novo país. E é exatamente por isso que lhes deve ser dada a oportunidade de se assimilarem em grupos, ao invés de individualmente, bem como de formar comunidades que sejam uniformes do ponto de vista étnico. Estou certo de que a segunda geração e as posteriores serão assimiladas como o foram nos Estados Unidos.

Segundo ponto: Cada comunidade deve ser uniforme não só étnicamente, como também do ponto de vista religioso

Para compreender êste ponto, devemos recordar como a Europa Central e Oriental é fracionada do ponto de vista religioso. Para o colono dessas regiões, depois do idioma, o elemento mais importante da vida de sua comunidade é a religião. E' digno de ver-se como, aos domingos, vêm colonos de tôdas as partes à igreja, de carroça ou a cavalo e, depois que termina o serviço religioso, ficam juntos conversando horas seguidas. Para o colono, o serviço divino no domingo é o acontecimento social mais importante da semana.

Os próprios colonos têm demonstrado claramente como é importante para êles o caráter religioso uniforme de uma colônia. Quando os alemães do Volga vieram para o Brasil, insistiram no direito de formar comunidades religiosas distintas, e isto lhes foi assegurado pelo govêrno imperial. Presentemente, as quatro vilas de alemães do Volga no estado do Paraná são estritamente ou protestantes ou católicas, como vimos anteriormente.

O plano original para a colônia alemã de Terra Nova compreendia o estabelecimento de duas vilas, uma católica e outra protestante. Êste plano foi elaborado em 1933 por nazistas, que não tinham absolutamente nenhum interêsse nas religiões em si. Êles porém sabiam quanto elas significavam para os futuros colonos. Garcês, a vila que daí nasceu, é principalmente habitada por católicos, ao passo que a vila holandesa de Carambei é predominantemente protestante.

Nas áreas de colonização antiga do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, as disputas religiosas entre católicos e protestantes têm causado danos tremendos em muitas colônias. Em vista disso, nas

colônias mais novas, fundadas mais para oeste, os colonos muitas vezes espontaneamente se separaram segundo as religiões.

Muito importante para qualquer colônia é a personalidade do padre. Ele deve ser um verdadeiro chefe em todos os assuntos que se referem à colônia. O pastor da comunidade protestante de Carambeí é um homem de grande cultura, com larga experiência no seu país e no estrangeiro, e o cônsul holandês no estado do Paraná. O padre católico de Garcês me foi descrito como um verdadeiro condutor, que sabe manter coesa a comunidade e atender aos seus interesses onde fôr necessário. A grande colônia ucraina de Prudentópolis é considerada tão próspera principalmente porque é orientada e conduzida por padres católicos gregos, altamente educados. Por outro lado, é claro que as colônias de alemães do Volga sofreram muito por nunca terem tido os seus próprios padres educados.

Terceiro ponto: *Somente professôres realmente bons devem ser mandados às colônias estrangeiras.*

Muitas colônias estrangeiras antes de 1938 tinham suas escolas particulares, organizadas pelas igrejas. Não sei qual era a qualidade delas. Sei, porém, que hoje em dia os colonos de quase tôda parte se queixam do baixo nível dos professôres das escolas estaduais. Esta situação é muito séria. Os professôres numa comunidade de estrangeiros exercem a difícil tarefa de preservar a tradição cultural estrangeira e amalgamá-la com a cultura brasileira, e de fazer da geração nova, fervorosos cidadãos brasileiros. Todos os pais do mundo só têm um desejo o de ver os seus filhos galgarem um nível econômico e cultural superior ao que eles puderam atingir. Se isto acontecer nas novas colônias, os pais também ficarão satisfeitos e a primeira geração será assimilada mais depressa do que o tem sido muitas vezes no passado.

Não duvido que a colonização dos campos dos planaltos do Brasil meridional, de acôrdo com os princípios que expus, seria plenamente coroada de êxito. Vou mesmo mais longe: mais cedo ou mais tarde, os colonos da mata e os fazendeiros luso-brasileiros da região teriam que adotar o tipo intensivo de agricultura, a fim de poderem competir com os colonos do campo. Desta forma, êles restaurariam a fertilidade dos seus solos, que estão deteriorados e esgotados pelo excesso de cultivo e pelas queimadas, mas que geralmente têm sofrido muito pouca erosão de solo. O resultado da aplicação do sistema rotação de culturas e da adubação em tôdas as terras dos planaltos do sul do Brasil, quer do campo, quer da mata, quer de vegetação mista de mata e campo, acarretaria um enorme aumento da produção agrícola, tanto vegetal quanto animal, e uma elevação do nível de vida da população rural. Pelo menos uma região do Brasil teria desfeito o secular sistema de separação da agricultura e da pecuária, inaugurando uma nova era da história econômica do Brasil.

Desejo, finalmente declarar que não sou o primeiro a considerar os campos dos planaltos do Brasil como apropriados para o cultivo e

a colonização Há cem anos AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE escreveu o seguinte acêrca dos campos do Paraná:

“D’après tout ce que je viens de dire, on voit que je n’ai point eu tort de surnommer les Campos Geraes le *Paradis terrestre de Brésil*. De toute les parties de cet empire que j’avais parcourues jusqu’alors, il n’en est aucune où l’on pût établir avec plus de succès une colonie de cultivateurs européens, ils y trouveraient un climat tempéré, un air pur, les fruits de leur pays, un terrain où, sans des efforts extraordinaires, ils pourraient se livrer à tous les genres de culture auxquels ils sont accoutumés. Comme les habitants du pays, ils élèveraient des bestiaux; ils en recueilleraient le fumier pour fertiliser leurs terres, et, avec un laitage aussi crémeu que celui des contrés montagneuses de la France, ils feraient du beurre et du fromage qui trouveraient des consommateurs des les parties plus septentrionales du Brésil. Quel avantage, par exemple, on eût procuré à ce pays si, au lieu d’envoyer la colonie suisse à Cantagallo (Nova Friburgo), on l’eût établie dans la partie des Campos Geraes, ils auraient enseigné aux anciens habitants les pratiques de l’agriculture européenne, qui sont certainement applicables à cette contrée. Heureux dans leur nouvelle patrie, dont l’aspect leur eût, en certains endroits, rappelé les lieux où ils étaient nés, ils eussent peint le Brésil à leurs compatriotes sous les plus belles couleurs, et cette partie de l’empire eût acquis une population active et vigoureuse.”

Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine.
Tome second Paris 1851, pp 29/30.

★

RESUMÉ

Le présent article ne se réfère qu’à la colonisation des trois états les plus méridionaux du Brésil par de petits propriétaires ruraux d’origine européenne

Le Paraná est constitué de l’Est à l’Ouest par une étroite bande littorale et par trois plateaux avec escarpement tourné vers l’Est et doucement incliné vers l’Ouest Le premier, cristallin, a de 800 à 900 mètres d’altitude; le second, formé de sédiments paléozoïques descend de 1 100 mètres à 700 mètres environ; quant au troisième, constitué de coulées mésozoïques, il a une altitude variant entre 1 100 mètres et 300 mètres dans le Paraná, mais descendant jusqu’à 100 mètres dans le Rio Grande do Sul

Dans l’Etat de Santa Catarina, le premier plateau a été détruit par l’érosion des rivières du versant atlantique et le second est très réduit Dans le Rio Grande do Sul, le troisième plateau seul subsiste

Le littoral du Paraná et du nord de Santa Catarina a un climat tropical Le reste de la côte de ce dernier Etat et les parties inférieures des vallées jusqu’à la côte de 400-500 mètres ont un climat plus doux On y trouve des forêts latifoliées et des sols fertiles bien que pierieux La situation du littoral et du flanc de la Serra do Rio Grande do Sul jusqu’à l’altitude de 300 mètres est semblable Aussi, ces vallées ont été très recherchées par les colons

Le plateau est revêtu pour 1/3 ou 1/4 de sa surface par des prairies naturelles et en sa plus grande partie de forêts d’*anaucariás* Celles-ci étaient le domaine des Indiens, jusqu’au moment où, après l’indépendance, le gouvernement brésilien décida de les coloniser avec des Européens, fondant São Leopoldo (1821) et Rio Negro (1829) à chacune des extrémités de la forêt, et S. Pedro de Alcântara (1829) à la limite occidentale du peuplement de Santa Catarina

Dans le Rio Grande do Sul, une fois terminées les luttes civiles de 1835-1845, le gouvernement de l’Etat fonda les colonies de Santa Cruz et de Santo Angelo qui devaient faciliter l’accès des prairies du *Planalto*. Les forêts situées entre Santa Cruz et São Leopoldo furent alors rapidement colonisées par des allemands sur l’initiative de particuliers Entre 1870 et 1890, le gouvernement impérial colonisa, avec des italiens du nord, toute la partie orientale du *Planalto* La partie occidentale fut colonisée à partir de 1890, tout d’abord le long de la voie ferrée, et, ensuite, en suivant la haute vallée de l’Uruguai. Dans ces régions, le Gouvernement de l’Etat organisa des colonies ethniquement hétérogènes, tandis que les particuliers, spécialement les allemands conservaient le principe de l’homogénéité ethnique De nos jours, il n’y a plus de zones pionnières importantes dans le Rio Grande do Sul

Dans l’Etat de Santa Catarina, la colonisation par compagnies particulières fut beaucoup plus importante que la colonisation officielle Entre 1850 et 1938, toute la vallée de l’Itajaí fut

occupée, formant une surface vaste et massive où la colonisation allemande est prédominante. Les prairies du second plateau étaient déjà occupées par de grandes fermes de bétail. La colonisation de l'ouest commença par la vallée du Rio do Peixe avec des colons du Rio Grande do Sul, qui, à partir de 1915, s'en sont allés s'installer au bout de la voie ferrée qui venait de São Paulo. Aujourd'hui encore des colons allemands et italiens font avancer le front pionnier à partir de la vallée de l'Uruguai vers le Nord.

La colonisation du Paraná commença plus tardivement. Entre 1870 et 1890 un système de petites colonies fut créé autour de Curitiba pour approvisionner le marché de la ville. On fit de même à Ponta Grossa, Castro et Lapa. Durant les vingt premières années de ce siècle, plusieurs colonies furent fondées dans les forêts de la partie ouest du second plateau, certaines ont bien réussi, d'autres ont échoué. Le nord du troisième plateau fut colonisé par la compagnie actuelle des Terres Nord du Paraná, avec des colons d'origines diverses, mais avec prédominance de luso-brésiliens. C'est peut-être le plus grand plan de colonisation de l'Amérique du Sud. Les principaux produits commerciaux de la région sont le café et le coton. Le sud-ouest du Paraná se peuple de colons venus du Rio Grande do Sul.

Pour donner une idée de l'importance de la colonisation dans les trois Etats, l'auteur donne, dans la page une table du nombre de colons allemands, italiens et slaves et la met en rapport avec les surfaces et les populations totales de chaque Etat.

Quant aux systèmes agricoles employés par les colons, l'auteur les a divisés en trois étages: 1° *Le système de rotation primitive des terres*. Dans ce système, le colon cultive la terre exactement à la manière des Indiens: il abat, brûle et plante; son agriculture est une agriculture de subsistance; il ne vend que des porcs et de la graisse; il habite, tout d'abord, une maison faite de feuilles de palmier et ensuite une maison de planches; son niveau social et culturel est extrêmement bas. 2° — *Le système de rotation améliorée des terres*. — Là, le colon, à côté des cultures indigènes typiques du premier étage, plante aussi: blé, seigle et pommes de terre; il peut ou non utiliser la charrue; il fait encore la rotation des terres, brûlant ou retournant la terre encore couverte par la "capoeira";¹ il n'applique pas de fumier parce qu'il a peu de bétail; l'habitation a des caractéristiques nationales suivant le pays d'origine du colon. 3° — *Rotation de cultures combinée avec la création de bétail*. Dans ces circonstances, le colon adopte des pratiques agricoles intensives de type européen ou américain: il crée un troupeau et le garde à l'étable; il recueille le fumier et le répand sur les terres; il cultive une grande variété de plantes pour l'alimentation de sa famille, pour vendre et pour donner comme fourrage au bétail; il emploie la charrue; il a un niveau de vie élevé, comparable à celui de l'agriculteur moyen des Etats-Unis.

L'auteur estime que 5% seulement des colons ont atteint le 3ème étage; 50% vivent dans le second sur des terres non épuisées et 45% se placent dans le 1er ou sont en voie de décadence ou de stagnation dans le second étage. Quant à la situation économique, 25% vivent bien, 50% sont modérément prospères et 25% sont pauvres. L'auteur attribue les causes de cette situation aux facteurs suivants: 1° — les colons venus d'Europe étaient pauvres et peu expérimentés en agriculture; 2° — la colonisation officielle a cherché à peupler des régions inhabitées et ne se sont pas préoccupés de la proximité des marchés urbains; 3° — présumant que les colons appliqueraient des systèmes agricoles extensifs on avait pu leur concéder des lots plus grands. Pour ceux qui adoptent la rotation des terres l'auteur présente des arguments en faveur de la cession de lots de 55 à 65 hectares en bonnes terres et de 80 à 105 hectares en terres pauvres.

Le peuplement dans les forêts du sud du Brésil est de type dispersé. Les colons qui sont allés habiter dans les villes, (environ 40% des immigrants) suivent le progrès du monde alors que la population rurale est généralement à un niveau arriéré.

Les conditions des trois colonies prospères situées en terres de prairies dans l'Etat de Paraná sont étudiées dans la seconde partie de l'article. Ces colonies sont: Caiambé, colonisée par des hollandais; Terra Nova par des allemands et Boqueirão — Curitiba par des mennonites venus de Russie. Dans ces trois colonies on emploie le système agricole intensif avec rotation de cultures combinée avec la création de bétail.

L'auteur rappelle alors que le problème de la culture des champs au sud du Brésil est analogue à celui du Middle-West américain. Dans ce dernier, la principale question était de rompre la pelouse coriacée sur laquelle il est nécessaire d'appliquer le fumier et les engrais. Aussi, seuls les colons possédant du capital et capables d'appliquer des procédés agricoles intensifs doivent peupler les prairies du Brésil méridional. C'est là la solution proposée par l'auteur pour améliorer la situation de notre agriculture et de notre colonisation.

Afin d'offrir de plus grandes facilités pour l'adaptation et le progrès des colons européens au sud du Brésil, l'auteur fait, à juste titre, trois recommandations: 1° — chaque colonie doit représenter une unité ethnique; 2° — chaque communauté doit être uniforme, non seulement ethniquement, mais aussi au point de vue religieux; 3° — les colonies étrangères doivent toujours être dotées de professeurs réellement bons.

RESUMEN

Se estudia aquí la colonización extranjera en los Estados meridionales de Brasil: Paraná, Santa Catarina y Rio Grande do Sul.

Paraná está constituido de este a oeste por corta faja costera y tres planaltos con escarpa vuelta para este y suavemente inclinados hacia la parte occidental. El primer, cristalino, tiene 800 a 900 metros de altitud; el segundo, de sedimentos paleozoicos, con la altitud mínima de 700 metros y finalmente el tercer, constituido de derrames mesozoicos, tiene la altitud máxima de 1 100 metros y la mínima de 300 metros en el Estado de Paraná, y 100 metros en Rio Grande do Sul.

En el Estado de Santa Catarina tuvo lugar la destrucción completa del primer planalto y la reducción del segundo en virtud de la erosión fluvial sobre la encosta del Atlántico. En Rio Grande do Sul sólo el tercer planalto se mantiene.

El litoral de Paraná y el del norte de Santa Catarina poseen clima tropical. Las partes inferiores de los valles hasta la altitud de 400-500 metros son de clima ameno, y suelos fértiles. La misma situación se encuentra en la otra costera y en la encosta de la Serra do Rio Grande do Sul hasta la altitud de 300 metros. Por eso, los colonos ocuparon sobre todo los valles.

El 1/3 o 1/4 de la área del planalto se cubre de campos naturales y matas de araucarias, que tuvo su colonización iniciada en el año de 1824 con la fundación de São Leopoldo, y Rio Negro en 1829, en cada una de sus extremidades, y S. Pedro de Alcântara en 1829, en la parte occidental de Santa Catarina.

¹ Végétation résultant d'une forêt dégradée par l'homme.

Sólo a partir de 1845 fué iniciada la colonización en Rio Grande do Sul, con la fundación de Santa Cruz y Santo Angelo

Las matas situadas entre Santa Cruz y São Leopoldo fueron colonizadas por inmigrantes alemanes hacia 1870 y 1890 los italianos ocuparon la parte oriental del Planalto. La zona occidental sólo hacia 1890 tuvo su colonización iniciada, la cual siguió la marcha del ferrocarril hasta el alto valle de Uruguai. En estas áreas el gobierno estableció núcleos étnicamente heterogéneos mientras que en las colonias fundadas por empresas particulares, principalmente las alemanas, predominaron los elementos étnicamente homogéneos

En Santa Catarina la colonización particular fué más importante que la oficial. Entre 1850 y 1938 tuvo lugar la ocupación total del Valle do Itajaí, en donde predominó el elemento alemán, cuando los campos del segundo Planalto ya eran ocupados por grandes haciendas de ganado

La colonización de oeste empezó en el valle del Rio do Peixe hacia 1915 con los colonos de Rio Grande do Sul. Aún ahora, alemanes e italianos siguen su marcha hasta el norte, con punto de partida en el valle del Uruguai

En Paraná la colonización tuvo inicio más tarde, hacia los años de 1870 y 1890, con la creación de pequeños núcleos en las cercanías de Curitiba y en las ciudades de Ponta Grossa, Castro y Lapa. A partir de 1900 a 1920 tuvo lugar la fundación de diversos núcleos de colonización en la mata occidental del segundo planalto, algunos de los cuales fracasaron

La colonización de la zona septentrional del tercer planalto estuvo a cargo de la "Companhia de Terras Norte do Paraná". Los núcleos son constituidos por lusobrasileños. El algodón y el café son los principales productos del mercado. En la parte suroeste de Paraná la población se compone de colonos provenientes de Rio Grande do Sul

El autor presenta además datos estadísticos y cuadros comparativos para tornar clara su exposición

Presenta en seguida la clasificación de los sistemas agrícolas usados por los colonos:

1 — *El sistema primitivo de rotación de tierras*: el colono utiliza los métodos rudimentales de la devastación, quemada y plantación, agricultura de subsistencia, nivel social y cultural muy bajo

2 — *El sistema de rotación de tierras mejorado*: el colono cultiva el trigo, el centeno etc.; ya hace uso del arado, no utiliza el abono y su habitación conserva las características de su país de origen;

3 — *Rotación de cultivos y ganadería*. El colono ya aplica los procesos de agricultura intensiva, hace uso del arado y del abono en sus plantaciones; las especies cultivadas son muy variadas y se destinan a la alimentación de la familia, a la venta en los mercados y al ganado. Tiene un nivel de vida elevado, igual con el del agricultor medio de los Estados Unidos

El autor calcula que sólo 5% de colonos pertenecen al tercer sistema; 50% habitan tierras no agotadas, pertenecen al segundo sistema, y finalmente 45% pueden distribuirse en los dos primeros. Cuanto a su situación económica, hay un porcentaje de 25% en condiciones prósperas, 50% en relativo estado de prosperidad y 25% son pobres

Diversas causas contribuyen para formar esa situación:

1 — los colonos que emigraron de Europa eran pobres y sin experiencia del campo;

2 — La colonización oficial se volvió de preferencia a las áreas deshabitadas, alejadas de mercados urbanos próximos;

3 — El tamaño de los lotes no corresponde a los sistemas de agricultura extensiva aplicados por los colonos.

En el segundo capítulo el autor estudia las condiciones de tres colonias, situadas en los campos de Paraná, a saber: Carambel, Terra Nova y Boqueirão-Curitiba en donde la colonización obtuvo resultados excelentes.

Examina el problema del cultivo en los campos del sur de Brasil, y señala su analogía con el Middle-West americano

Propone por eso que sólo colonos abastados y con experiencia de los procesos de agricultura intensiva vengan a poblar los campos meridionales del país

En conclusión apunta tres condiciones importantes para el completo éxito de la colonización extranjera en los Estados meridionales de Brasil: 1 — Cada colonia debe corresponder a una sola unidad étnica; 2 — Cada comunidad tiene que ser uniforme no sólo étnicamente sino también bajo el aspecto religioso; 3 — En los núcleos de colonización no deben faltar buenos profesores

RIASSUNTO

L'autore di quest'articolo studia la colonizzazione dei piccoli proprietari agricoli di origine europea, nei tre Stati più meridionali del Brasile: il Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul

Il Paraná è costituito da Levante a Ponente da una stretta fascia litoranea e da tre altipiani con pendio ripido verso Est e con soave inclinazione verso Ovest. Il primo altipiano, cristallino, si mantiene sugli 800 e i 900 metri di altitudine; il secondo, costituito da sedimenti paleozoici, scende fino a 700 metri, ed il terzo, che va dai 100 e i 300 metri nel Paraná, scende sino a 100 metri nel Rio Grande do Sul

In Santa Catarina, il primo altipiano fu distrutto dall'erosione dei fiumi del versante atlantico e il secondo fu molto ridotto. Nel Rio Grande do Sul rimane solo il terzo altipiano

Il litorale del Paraná e quello del Nord di Santa Catarina hanno un clima tropicale. Il resto della costa di questo Stato ed i tratti inferiori delle valli fino all'altitudine di 400-500 metri presentano clima più ameno, foreste di latifoglie e suoli fertili sebbene pietrosi. La parte litoranea e il pendio della "Serra" del Rio Grande do Sul fino alla quota di 300 metri hanno situazione uguale alla precedente. Perciò la colonizzazione si sviluppò soprattutto in queste valli

Un terzo o un quarto dell'area dell'altipiano è rappresentato da campi naturali e nella sua maggior parte da foreste di acauare, dove ebbe inizio la colonizzazione con la fondazione di São Leopoldo (1824), di Rio Negro (1829) in una delle estremità, e di São Pedro di Alcântara (1829) al limite occidentale della zona di popolamento in Santa Catarina

Le colonie di Santa Cruz e Santo Angelo, nel Rio Grande do Sul, sono state stabilite dal governo, dopo le lotte civili (1835-1845). Le foreste fra Santa Cruz e São Leopoldo sono state colonizzate da immigranti tedeschi per iniziativa privata. Tra il 1870 e il 1890 gli Italiani del Nord hanno occupato tutta la parte orientale dell'altipiano. La regione occidentale è stata colonizzata solo dal 1890, seguendo il percorso della rete ferroviaria fino all'alta valle dell'Uruguai. In queste zone il governo organizzò delle colonie etnicamente eterogenee, mentre in quelle non ufficiali, soprattutto di tedeschi — fu applicato il principio dell'omogeneità etnica

Attualmente non ci sono zone pioniere importanti nel Rio Grande do Sul.

In Santa Catarina la colonizzazione privata fu più importante che quella promossa dal governo. Tra il 1850 e il 1938 tutta la valle dell'Itajaí è stata occupata nella sua maggior parte da coloni tedeschi. Nei campi del secondo altipiano c'erano già grandi fattorie di bestiame. La colonizzazione ad Ovest cominciò nella valle del Rio do Peixe nel 1915. Ancora oggi, Tedeschi ed Italiani avanzano verso il Nord, muovendo dalla valle dell'Uruguay.

La colonizzazione del Paraná ebbe inizio più tardi. Tra il 1878 e il 1890 sono stati stabiliti piccoli nuclei intorno a Curitiba e nelle città di Ponta Grossa, Castro e Lapa.

Dal 1900 al 1920 varie colonie furono fondate nell'estremità occidentale delle foreste del secondo altipiano; alcune tuttavia non prosperarono. La regione settentrionale del terzo altipiano fu colonizzata dalla "Companhia de Terras Norte do Paraná". I nuclei di questa colonizzazione furono costituiti soprattutto da Luso-Brasiliiani. È forse il maggior nucleo di colonizzazione del continente sudamericano. Il cotone ed il caffè sono i principali prodotti commerciali della regione. A Sud Ovest del Paraná il popolamento si fa con coloni provenienti dal Rio Grande do Sul.

Per dare un'idea dell'importanza della colonizzazione nei tre Stati meridionali, l'autore presenta dati statistici sul numero d'immigranti tedeschi, italiani e slavi, e lo confronta poi con le aree e le popolazioni totali di ognuno di quegli Stati.

L'autore presenta in seguito la classificazione dei sistemi agricoli impiegati dai coloni: 1° — *Il sistema della rotazione di terre primitivo* — Il colono coltiva la terra come lo facevano gli indigeni: taglia, brucia e pianta; agricoltura di sostegno, livello di vita sociale e culturale molto basso. 2° — *Il sistema di rotazione di terre migliorato* — Oltre le colture del primo sistema, il colono coltiva anche il grano, la segale e la patata; fa uso dell'aratro; pratica ancora la rotazione di terre col fuoco, ecc.; non impiega concime, perchè il bestiame è scarso; l'abitazione conserva le caratteristiche del paese di origine dell'immigrante. 3° — *Rotazione di colture ed allevamento del bestiame* — Il colono in questo sistema adotta i metodi dell'agricoltura intensiva di tipo europeo o americano; fa uso dell'aratro e del concime; le coltivazioni son molto svariate; il tenor di vita è più elevato.

L'autore stima che solo il 5% dei coloni abbia raggiunto il terzo sistema; il 50% abita terre non esauste, ed il 45% si trova nel primo sistema o nel periodo di decadenza o ristagno del secondo sistema. Di questi coloni, il 25% è in condizioni di prosperità, il 50% in relativa situazione di prosperità, ed il 25% in stato di povertà.

L'autore rivela le cause di questa situazione:

1 — Gli immigranti provenienti dal continente europeo erano poveri e senza esperienza di agricoltura; 2 — la colonizzazione ufficiale si concentrò nelle aree disabitate, non vicine ai mercati della città; 3 — I coloni dovrebbero ottenere terreni più grandi, in proporzione coi sistemi di agricoltura estensiva adottati.

Nel secondo capitolo l'autore studia la situazione delle tre colonie, stabilite nella regione dei Campi di Paraná, cioè: Carambeí, Terra Nova e Boqueirão-Curitiba, dove la colonizzazione ha ottenuto eccellenti risultati. In tutte e tre si usa il sistema di agricoltura intensiva combinato con l'allevamento del bestiame.

Ricorda allora che il problema della colonizzazione dei campi nel Sud del Brasile è analogo a quello del Middle-West americano. Propone perciò che soltanto gli immigranti di una certa agiatezza e con esperienza dei metodi di agricoltura intensiva vengano a popolare i campi del Brasile meridionale.

Concludendo, l'autore rivela tre condizioni importanti da considerare nella soluzione del problema della colonizzazione straniera negli Stati meridionali del Brasile, cioè: 1 — Ogni colonia deve costituire una sola unità etnica; 2 — Ogni comunità dev'essere uniforme, non solo etnicamente ma anche dal punto di vista religioso; 3 — Le colonie straniere devono possedere buoni maestri.

SUMMARY

This article refers solely to the colonization of the three southern States of Brazil by small rural proprietors of European origin.

Paraná is formed, from East to West, by a narrow tract of coast and three high plains with slope towards the East and lightly inclined towards the West. The first high plain, crystalline, is 800 to 900 meters high; the second, of paleozoic sediments, falls from 1,100 to 700 meters; and the third, of mesozoic dissemination, between 1,100 and 300 meters high in Paraná, falls to 100 meters in Rio Grande do Sul.

The first high plain in Santa Catarina was destroyed by the erosion of rivers flowing into the Atlantic and the second is very reduced. In Rio Grande do Sul only the third high plain exists.

The littoral of Paraná and of the North of Santa Catarina has a tropical climate. The remaining coast of the latter State as well as the lower part of the valley up to 400-500 meters enjoy a milder climate, are covered by broad-leaved trees and their soil is fertile although stony. The situation of the littoral and of the slope of Serra do Rio Grande do Sul up to 300 meters is similar. Due to this, these valleys were chosen by the colonists.

The high plain, with the exception of one third or one quarter, which is covered by natural grasslands, is almost entirely lined with pinewoods. These woods were the domain of the natives until, after the declaration of the Independence, the Brazilian Government decided to have them colonized by European and founded São Leopoldo (1824) and Rio Negro (1829) on each of the extreme points of the wood, and São Pedro de Alcântara (1829) to the West of Santa Catarina.

In Rio Grande do Sul, when the civil war of 1835-45 was over, the State government founded the colonies of Santa Cruz and Santo Angelo so as to facilitate the access to the grasslands of the high plain. The woods between Santa Cruz and São Leopoldo were then rapidly colonized by Germans, through private initiative. Between 1870 and 1890 the imperial government had the entire Eastern zone of the high plain colonized by North-Italians. The Western zone was colonized beginning 1890; firstly, all along the railroad and afterwards following the high valley of the Uruguay River. The State government organized in those areas ethnically heterogeneous colonies, whereas the private individuals, especially the Germans, maintained the principle of ethnical homogeneity. Nowadays, there are no longer important pioneer zones in Rio Grande do Sul.

In Santa Catarina the colonization by private companies was much more important than that effected by the Government. Between 1859 and 1928 the valley of the Itajaí was entirely occupied,

forming an extended area with settlements where the German colonist prevailed. The fields of the second high plain had already been occupied by large cattle farms. Colonization of the West started at the valley of Rio do Peixe with colonists of Rio Grande do Sul who, beginning 1915, settled wherever the constructions of the railroad from São Paulo stopped. Today, German and Italian colonists are still making the pioneer front advance from the Uruguay valley up to the North.

The colonization of Paraná was started at a later date. Between 1870 and 1890 a system of small settlements was created around Curitiba in order to supply the market of that city. The same thing was done in relation to Ponta Grossa, Castro and Lapa. During the first twenty years of this century several colonies were founded in the woods of the Western part of the second high plain, of which a few prospered, whereas others resulted in a failure. The North of the third high plain was colonized by Cia de Terras Norte do Paraná with colonists of various origins, Portuguese-Brazilians prevailing. It is perhaps the greatest colonization plan of South America. The principal commercial products of that region are coffee and cotton. The South-East of Paraná is being occupied by colonists from Rio Grande do Sul.

To give an idea of the importance of the colonization of the three States, the author gives on page . a chart showing the number of German, Italian and Slavonic colonists and compares it with the areas and total population of each State.

As regards the agricultural systems employed by the colonists, the author divides them into three stages: 1) — *System of primitive land rotation* — Under this system the colonist cultivates the ground exactly in the same manner as the native: he hews down, burns and plants; his agriculture is a means of subsistence; he only sells pigs or fat; he lives first in a hut of palm leaves and later on in a wooden cottage; his social and cultural level is extremely low. 2) — *System of improved land rotation* — Aside from the typical agricultural native products of the first stage, the colonist also plants wheat, rye and potatoes; he may or may not use the plough; he tills the ground, burning or merely mowing the thickets; he does not apply dung because he has not much cattle; his house has the national characteristics of his native country. 3) — *crops rotation combined with cattle breeding* — Under these circumstances, the colonist adopts the practice of intensive agriculture of European or American type; he raises cattle in stables; he uses the dung in his plantations; he cultivates a great variety of plants for the alimentation of his family, for selling, and to be used as forage for his cattle; he uses the plough; he has a high living standard, which can be compared with that of the average farmer in the United States.

The author is of the opinion that only 5% of the colonists have reached the third stage; 50% live in the second, on unexhausted ground, and 45% are in the first stage or in the phase of decay or stagnation of the second stage. As to their economic situation, 25% should be well off, 50% moderately prosperous and 25% in poor conditions. The author attributes the causes of this situation to the following factors: 1 — the European colonists were poor and had little experience in agriculture; 2 — the government endeavored to populate uninhabited areas and did not care whether there were cities in the vicinity; 3 — assuming that the colonists would adopt extensive agricultural systems, they should have been granted bigger areas of land. For those who adopt the system of alternate ground tillage, the author favors the granting of areas of between 55 and 65 hectares of fertile land and of 80 to 105 hectares of poor land.

The social level of the population of the woods of the South of Brazil is of a varying type. While the colonists who settled in the cities — about 40% of the immigrants — accompanied the progress of the world, the rural population generally lives on a very low level.

In the second part of this article the author studies the conditions of three prosperous settlements situated in the State of Paraná, which are: Carambé, colonized by Dutch, Terra Nova, by Germans, and Boqueirão-Curitiba, by "menonites" from Russia. In these three colonies the intense agriculture system of crops rotation combined with cattle breeding has been adopted.

The author then recalls that the problem of cultivation of the steppes in the South of Brazil is comparable with that of the American Middle-West. In the latter, the principal question was the grubbing up of coriaceous turf; in the former, it is necessary to apply dung and artificial fertilizers. Therefore, only those colonists who own some means and are able to adopt intensive agricultural processes should settle in the fields of Southern Brazil. This is the solution proposed by the author, intended to improve the situation of our agriculture and colonization.

In order to facilitate the adaptation and progress of the European colonists in the South of Brazil, the author makes three recommendations: 1) Each settlement should represent an ethnical unity; 2) Each community should be uniform ethnically as well as from a religious standpoint; 3) the foreign settlements should always have really good teachers.

ZUSAMMENFASSUNG

Es handelt sich in der vorliegenden Abhandlung nur um die Besiedelung der drei südlicheren Staaten Brasiliens durch kleine Landbesitzer europäischer Abkunft.

Paraná ist, von Osten nach Westen, durch einen schmalen Küstenstreifen und drei, mit nach Osten gewandter Böschung, sanft nach Westen geneigte Hochebenen gebildet. Die erste Hochebene ist 800 bis 900 Meter hoch; die zweite sinkt von 1 100 bis ungefähr 700 Meter herab, und die dritte misst zwischen 1 100 und 300 Meter in Paraná und sinkt bis auf 100 Meter in Rio Grande do Sul.

In Santa Catharina ist die erste Hochebene durch die Erosion der im Atlantischen Ozean mündenden Flüsse zerstört worden, und die zweite ist sehr verringert. In Rio Grande do Sul besteht nur noch die dritte Hochebene.

Die Küste Paraná's und nördlich von Santa Catarina hat ein tropisches Klima. Die übrige Küste dieses letzteren Staates und die Täler bis auf 400-500 Meter erfreuen sich eines milderen Klimas, sind von breitblättrigen Bäumen bedeckt, und der Boden ist fruchtbar, wenn auch steinig. Die Lage der Küste und des Abhanges des Rio Grande do Sul Gebirges bis auf 300 Meter Höhe ist gleichförmig. Deswegen sind diese Täler viel von den Ansiedlern gesucht worden.

Ein Drittel oder ein Viertel dieser Hochebene ist von natürlichen Weiden und ein grösserer Teil von Araukarienwäldern bedeckt. Diese Wälder waren das Gebiet des Eingeborenen, bis die brasilianische Regierung nach der Unabhängigkeitserklärung beschloss, sie durch Europäer zu kolonisieren, und São Leopoldo (1824) und Rio Grande (1839) an den äussersten Grenzen des Waldes und São Pedro de Alcântara (1829) an die westliche Grenze der Ansiedlungen in Santa Catarina gründete.

Nach dem Bürgerkriege (1835-45) gründete die Staatsregierung die Ansiedelungen Santa Cruz und Santo Angelo in Rio Grande do Sul, die den Zugang zu den Feldern der Hochebene

erleichtern sollten. Die Wälder zwischen Santa Cruz und São Leopoldo wurden dann durch Privatinitiative schnell von Deutschen kolonisiert. Zwischen 1870 und 1890 führte die kaiserliche Regierung norditalienische Ansiedler in der östlichen Hochebene ein. Ab 1890 wurde der westliche Teil dieser Hochebene kolonisiert, zuerst die Stöcke längs der Eisenbahn und später das Oberthal des Uruguai-Flusses. In dieser Gegend errichtete die Staatsregierung ethnisch heterogenische Ansiedlungen, während die Privatpersonen, insbesondere die Deutschen, sich an den Grundsatz der Homogenität hielten. Heutzutage bestehen keine wichtigen Pionierzonen mehr in Rio Grande do Sul.

In Santa Catarina war die Kolonisierung durch Privatgesellschaften viel wichtiger als die offizielle. Zwischen 1850 und 1938 wurde das ganze Itajaí-Tal besetzt, wo sich eine dichte hauptsächlich aus Deutschen bestehende Ansiedlung bildete. Die Felder der zweiten Hochebene waren schon mit grossen Viehzuchtfarmen besetzt. Die Kolonisation des westlichen Teiles begann im Tale des Peixe-Flusses, mit Ansiedlern aus Rio Grande do Sul, die sich ab 1915 in der Nähe der Schienenspitzen der von São Paulo her angelegten Eisenbahn niederliessen. Noch heute lassen deutsche und italienische Ansiedler die Pionierfront vom Uruguay-Tale bis zum Norden vorrücken.

Die Kolonisation Paranas wurde später begonnen. Zwischen 1870 und 1890 wurden rings um Curitiba kleine Ansiedlungen gegründet, um den Stadtmarkt zu versorgen. Dasselbe geschah in Ponta Grossa, Castro und Lapa. In den ersten 20 Jahren dieses Jahrhunderts wurden verschiedene Ansiedlungen in den westlichen Wäldern der zweiten Hochebene angelegt, von denen einige gediehen, während andere missglückten. Der Norden der dritten Hochebene wurde durch Cia de Terras Norte do Paraná kolonisiert, die dort Ansiedler verschiedener Nationalitäten, insbesondere Luso-Brazilianer, unterbrachte. Dieser ist vielleicht der grösste Kolonisationsplan Südamerikas. Die hauptsächlichsten Erzeugnisse jener Gegend sind Kaffee und Baumwolle. Der Nordwesten Paranas wird von Ansiedlern aus Rio Grande do Sul bevölkert.

Um die Wichtigkeit der Kolonisation in den drei Staaten zu zeigen, gibt der Verfasser auf Seite eine Tabelle der Zahl deutscher, italienischer und slawischer Ansiedler, und vergleicht sie mit den Flächen und Einwohnerzahl der einzelnen Staaten.

Die von den Kolonisten angewandten Landwirtschaftsmethoden hat der Verfasser in drei Stadien eingeteilt: 1) — *Primitive Landwechseiwirtschaft* — Der Ansiedler bebaut das Feld unter diesem Verfahren in genau derselben Weise wie die Eingeborenen: er rodet, brennt und pflanzt; er führt Landwirtschaft für seinen Unterhalt und verkauft nur Schweine oder Fett; anfangs wohnt er in einer Palmblätthütte, die er später durch eine Holzhütte ersetzt; sein gesellschaftliches und kulturelles Niveau ist äusserst niedrig. 2) — *Verbesserte Landwechseiwirtschaft* — Hier, ausser den einheimischen typischen Pflanzungen der ersten Kategorie, pflanzt der Ansiedler auch Weizen, Roggen oder Kartoffeln; er bedient sich des Pfluges oder nicht; er betreibt noch die Wechselwirtschaft, indem er das Gehölz abbrennt oder nur ausrottet; er verwendet keinen Dünger, weil er wenig Vieh hat; die Wohnungen haben das Gepräge der Häuser im Vaterland des Ansiedlers. 3) — *Fruchtwechselwirtschaft und Viehzucht* — Unter diesen Umständen, betreibt der Ansiedler intensive Landwirtschaft nach europäischem oder amerikanischem Muster: er zieht das Vieh in Ställe auf, sammelt den Dünger, den er im Ackerbau gebraucht; er züchtet verschiedene Pflanzensorten für den Unterhalt der Familie, zum Verkauf und als Viehfutter verwendbar; er arbeitet mit dem Pfluge; er hat eine höhere Lebensführung, welche mit der des mittelmässigen amerikanischen Landwirthes verglichen werden kann.

Der Verfasser ist der Meinung, dass nur 5% der Ansiedler das dritte Stadium erreicht haben; 50% leben im zweiten Stadium, auf unerschöpftem Boden, und 45% sind noch im ersten Stadium, nämlich, in der Periode des Verfalles oder der Stagnation des zweiten Stadiums. Was die landwirtschaftliche Lage anbetrifft, sind 25% wohlhabend, 50% geniessen einen mässigen Wohlstand und 25% leben in armen Verhältnissen. Diese Lage wird von dem Verfasser den folgenden Faktoren zugeschrieben: 1. — Die Regierung hat nur danach getrachtet unbewohnte Flächen zu bevölkern, ohne sich zu kümmern, ob Städte in der Nähe waren; 3. — Unter der Voraussetzung, dass die Ansiedler umfangreiche landwirtschaftliche Methoden anwenden würden, hätten sie grössere Bodenparzellen erhalten sollen. Der Verfasser ist der Ansicht, dass denjenigen, die die Wechselwirtschaft betreiben, 55 bis 65 Hektare fruchtbareren Bodens und 80 bis 105 Hektare dürrigen Bodens anvertraut werden sollten.

Die Lebensführung der Bevölkerung der südbrasilianischen Wälder ist verschieden. Die Ansiedler, die sich in den Städten niederliessen, ungefähr 40% der Immigranten, begleiten den Fortschritt der Welt, während das Niveau der Landbewohner im allgemeinen sehr niedrig ist.

Im zweiten Teile dieser Abhandlung wird die Lage dreier erfolgreichen, auf bestellbarem Steppboden im Staate Paraná gelegenen Ansiedlungen studiert, nämlich, Carambei, durch Holländer, Terra Nova, durch Deutsche, und Boqueirão-Curitiba, durch aus Russland Stammende "Menoniten" kolonisiert. In diesen drei Ansiedlungen wird die intensive Ackerbaumethode mit Fruchtwechselwirtschaft und Viehzucht betrieben.

Der Verfasser macht darauf aufmerksam, dass das Problem der Feldbestellung in Nordbrasilien dem des amerikanischen Middle-West ähnlich ist. In diesem handelt es sich hauptsächlich darum, das zähe Grass auszurotten; in jenem ist es nötig Mist und künstlichen Dünger anzuwenden. Es sollten sich deshalb nur vermögende Ansiedler und solche, die fähig sind intensive Landwirtschaftsmethoden zu betreiben, auf südbrasilianischen Feldern niederlassen. Diese ist die Lösung, die der Verfasser vorschlägt, um die Lage unserer Landwirtschaft und unserer Kolonisation zu verbessern.

Um die Anpassung und Fortschritt der europäischen Ansiedler in Südbrasilien zu erleichtern, macht der Verfasser mit Recht drei Empfehlungen: 1.) jede Ansiedlung sollte eine ethnische Einheit darstellen; 2.) jede Gemeinde sollte gleichartig sein, sowohl vom ethnischen wie auch vom religiösen Standpunkt aus betrachtet; 3.) die ausländischen Ansiedlungen sollten immer mit wirklich guten Lehrern versorgt werden.

RESUMO

Tiu artikolo traktas nur pri la koloniigo de la tri plej sudaj Statoj de Brazilo, fare de malgrandaj bienuloj de eŭropa deveno.

Paraná konsistas, de oriento okcidenten, el unu mallarĝa marborda strio kaj tri plataĵoj, inter 1 100 kaj 300 metroj en Paraná, malaltiganta ĝis 100 metroj en Rio Grande do Sul.

En Santa Catarina, la unua plataĵo estis detruita de la erozio de la riveroj de la atlantika deklivo, kaj la dua estas tre malgranda. En Rio Grande do Sul nur la tria plataĵo ekzistadas.

La marbordo de Paraná kaj de nordo de Santa Catarina havas tropikan klimaton. La resto de la marbordo de ĉi tiu Stato kaj la pecoj malsupraj de la valoj ĝis la nivelalteco de 400-500 metroj, havas klimaton pli mildan; ili estas kovritaj de arbaroj larĝfoliaj kaj havas grundojn

produktemajn, kvankam ŝtonajn. La situacio de la marbordo kaj de la deklivo de Serra do Rio Grande do Sul ĝis la alteco de 300 metroj estas simila Tial, tiuj valoj estis multe seĉataj de la kolonianoj

La plataĵo estas kovrita, sur 1/3 aŭ 1/4 de sia areo, de naturaj kampoj kaj, en sia plej granda parto, de aŭkariaj arbaroj Ĉi tiuj estis la propraĵo de la indiĝenoj, ĝis, post la sendependeco, la brazila registaro decidis koloniigi ilin per eŭropanoj, fondante São Leopoldo (1824) kaj Rio Negro (1829) ĉe ĉiu el la ekstretoj de la arbaro, kaj S Pedro de Alcântara (1829) ĉe la limo okcidenta de la loĝatigo en Santa Catarina

En Rio Grande do Sul, post la finiĝo de la interna milito de 1835-1845, la ŝtata registaro fondis la koloniojn Santa Cruz kaj Santo Angelo, kiuj devus faciligi la aliron al la kampoj de la Plataĵo La arbaroj inter Santa Cruz kaj São Leopoldo estis tiam rapide koloniigitaj de germanoj, pro iniciativo de privatuloj Inter 1870 kaj 1890 la imperia registaro koloniigis per nordaj italoj la tutan orientan parton de la Plataĵo Ties okcidenta parto estis koloniigata ekde 1890, unue laŭlonge de la fervojo, poste laŭ la alta valo de Uruguai En tiuj areoj, la registaro de la ŝtato organizis koloniojn rase heterogenajn, dum la privatuloj, precipe la germanoj, konservis la principon de la homogeneco rase Hodiaŭe, jam ne ekzistas gravaj zonoj pioniraj en Rio Grande do Sul

En Santa Catarina la koloniigo per privataj kompanioj estis multe pli grava ol la oficiala Inter 1850 kaj 1938, estis okupita la tuta valo de la rivero Itajaí, fojmanie vastan areon, densan je koloniigo ĉefe germana La kampoj de la 2-a plataĵo jam estis okupitaj de grandaj butar-bienoj La koloniigo en okcidento komenciĝis de la valo de rivero Peixe kun kolonioj de Rio Grande do Sul, kiuj ekde 1915 estis enlokiĝintaj ĉe la ekstretoj de la reĵoj, kiuj venadis el São Paulo Ankoraŭ nune, germanaj kaj italaj kolonianoj antaŭenligas la pioniran fronton ekde la valo de rivero Uruguai norde

La koloniigo en Paraná komenciĝis pli malfrue Inter 1870 kaj 1890 estis kreita ĉirkaŭ Curitiba iu sistemo de malgrandaj kolonioj por provizi la urban komercon La samo estis farita rilate al Ponta Grossa, Castrolino kaj Lapa En la du unuaj jardekoj de ĉi tiu jarcento estis fonditaj diversaj kolonioj en la arbaroj de la okcidenta parto de la 2-a plataĵo: iuj bonsukcesis kaj aliaj frakasis La nordo de la 3-a plataĵo estis koloniigita de la nuna Companhia de Terras Norte do Paraná, kun kolonioj de diversaj devenoj, precipe portugaliaj-brazilaj Ĝi estis eble la plej granda plano de koloniigado en Sudameriko La ĉefaj komercaj produktoj de la regiono estas la kafo kaj la kotonoj La sudokcidento de Paraná estas loĝatigata de kolonianoj venantaj el Rio Grande do Sul

Por doni ideon pri la graveco de la koloniigo en la tri ŝtatoj, la aŭtoro prezentas, sur la paĝo -a, tabelon de la nombroj de kolonianoj germanaj, italaj kaj slavaj, kaj ĝin komparas kun la tutaj areoj kaj loĝantaroj de ĉiu ŝtato

Rilate al la teĥkulturaj sistemoj uzataj de la kolonianoj, la aŭtoro ilin dividis en tri stadiojn: 1-a — *La sistemo de primitiva alterna sinsekvado de teroj* — En tiu sistemo la koloniano kulturas la teron ekzakte laŭ la maniero de la indiĝenoj: dishakas, bruligas kaj plantas; lia teĥkulturo estas porviva; li nur vendas porkojn aŭ grason; li loĝas unue en domo el palmfolioj kaj poste en iu el lignabuloj; lia socia kaj kultura nivelo estas ekstreme malalta 2-a — *La sistemo de pibonigita alterna sinsekvado de teroj* — Tiam, la koloniano, krom la indiĝenaj kulturoj, tipaj de la unua stadio, plantas ankaŭ tritikon, sekalon aŭ terpomon; li povas aŭ ne uzi la plugilon; li faras ankaŭ alternan sinsekvadon de teroj, bruligante aŭ nur turnante la arbetaron; li ne aplikas sterkon, ĉar li havas malmulte da brutaro; la loĝejo havas karakterizajn naciajn laŭ la devenlando de la koloniano 3-a — *Alterna sinsekvado de kulturoj kombinata kun la brutar-bredado* — En tiuj ĉirkonstancoj, la koloniano adoptas intensajn teĥkultuurajn praktikojn laŭ tipo eŭropa aŭ usona: li bredas brutaron kaj ĝin konservas en staloj; li levpienas la sterkon kaj ĝin aplikas al la plugadoj; li kulturas grandan variecon de plantoj por la nutrado de la familio, por vendi kaj por doni kiel furagon al la brutaro; li uzas plugilon; li havas altan vivnivelon, kompareblan al tiu de la meza plugisto en Usono

La aŭtoro taksas, ke nur 5% de la kolonianoj atingis la 3-an stadiojn; 50% vivas en la 2-a sur teroj ne elĉerpitaj, kaj 45% estas en la 1-a aŭ en fazo de dekadenco aŭ stagnado de la 2-a stadio Pri la ekonomia situacio, laŭŝajne 25% estas bone, 50% modere prosperaj, kaj 25% en malriĉaj kondiĉoj La kaŭzojn de tiu situacio la aŭtoro atribuas al la jenaj faktoroj: 1 — la venintaj eŭropaj kolonianoj estis malriĉaj kaj malmulte spertaj pri teĥkulturo; 2 — la koloniigo oficiala klopodis loĝatigi areojn ne loĝantigitajn kaj ne priokupiĝis pri la proksimeco de urbaj vendejoj; 3 — konjektante, ke la kolonianoj aplikus etendigajn teĥkultuurajn sistemojn, oni estus devinta doni al ili pli grandajn terpecojn. Por tiuj, kiuj adoptas la alternan sinsekvadon de teroj, la aŭtoro prezentas argumentojn favorajn al la cedado de terpecoj inter 55 kaj 65 hektaroj je bonaj teroj kaj 80 kaj 105 hektaroj je malriĉaj teroj

La loĝatigo en la arbaroj de la sudo de Brazilo estas disa La kolonianoj, kiuj ĝin loĝis en la urboj — ĉirkaŭ 40% el la enmigrintoj — akompanis la progreson de la mondo, dum la kampara loĝantaro estas ĝenerale sur neprogresinta nivelo

En la dua parto de la artikolo estas studitaj la kondiĉoj de tri bonsukcesintaj kolonioj, situaciantaj sur teroj de kampo en la ŝtato Paraná Ili estas: Carambeí, koloniigita de nederlandanoj; Terra Nova, de germanoj, kaj Boqueirão-Curitiba, de menonitoj venintaj el Rusujo. En la tri oni uzas la intensan teĥkulturan sistemon de alterna sinsekvado de kulturoj kombinata kun la brutar-bredado

La aŭtoro memorigas tiam, ke la problemoj de la kampkulturo en la sudo de Brazilo estas analoga al tiu de la usona Middle-West En ĉi tiu, la ĉefa afero estis sulkigado de la ledmalmolan herbejoj; en tiu, estas necese apliki sterkon kaj produktigilojn artefaritajn Tial, nur kolonianoj posedantaj kapitalon kaj kapablaj apliki procedojn teĥkultuurajn intensajn devas loĝatigi la kampojn de suda Brazilo Tiu estas la solvo proponita de la aŭtoro por plibonigi la situacion de nia teĥkulturo kaj de nia koloniigo

Por doni pli grandajn facilajojn al la adaptiĝo kaj progreso de la eŭropaj kolonianoj en la sudo de Brazilo, la aŭtoro faras, motivigite, tri rekomendojn: 1-a) Ĉiu kolonio devas reprezenti unu rasan unuon; 2-a) Ĉiu komuneco devas esti unuforma ne nur rase sed ankaŭ de la religia vidpunkto; 3-a) La fremdaj kolonioj devas havi ĉiam instruistojn reale bonajn